

Organizadoras
Karina Mitalle
Sônia Queiroz

Editoras mineiras
o lugar da tradução

v
v v
v v
viva voz

FALE/UFMG
Belo Horizonte
2015

Diretora da Faculdade de Letras

Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-Diretor

Rui Rothe-Neves

Comissão editorial

Elisa Amorim Vieira

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

Reinildes Dias

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos – Mangá Ilustração e Design Gráfico

Preparação de originais

Karina Mitalle

Diagramação

Thiago Landi

Revisão de provas

Larissa Vaz

ISBN

978-85-7758-255-6 (digital)

978-85-7758-256-3 (impresso)

Endereço para correspondência

LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 3108

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

e-mail: vivavozufmg@gmail.com

site: www.lettras.ufmg.br/vivavoz

Sumário

- 5 Apresentação**
- 7 A figura do tradutor: designação e descrição**
 - Amanda Gonzaga
 - Bianka de Andrade
 - George Vallesterio
- 15 Breve panorama da tradução na Europa**
 - Gustavo Tanus
- 25 Breve panorama histórico da tradução no Brasil**
 - Guilherme Zica
- 39 A arte nas traduções mineiras**
 - Janes Mendes Pinto
- 65 Poesia traduzida em Minas: comentários**
 - Priscila Justina
 - Roberta Martins
- 73 A tradução de narrativas orais em Minas Gerais**
 - Karina Mitalle

Apresentação

Este volume 4 da série *Editoras mineiras* destaca, no universo do livro impresso, a figura do tradutor, essencial no mundo da escrita e do livro, aquele que constrói a ponte entre o leitor e o autor de línguas diferentes. Podemos dizer que as atividades de tradução e edição (ou, melhor seria, aqui, editoração) são irmãs, parceiras fortes na missão humana de transmitir pensamentos, crenças, sentimentos. O tradutor se aproxima também da figura do autor, e cada vez mais se reconhece o aspecto criador em seu trabalho de texto. Contemplando essa abordagem, abrimos a coletânea com uma reflexão teórica sobre a figura do tradutor.

Mantendo-nos na intenção de contribuir para uma historiografia da edição, que é o objetivo da série, seguimos esta coletânea com três panoramas: o primeiro, da atividade tradutória na Europa, o segundo, no Brasil, e o terceiro, bem mais restrito, relativo à publicação de traduções pelas editoras sediadas em Minas Gerais.

A esses textos de abertura, seguem-se ensaios que abordam a tradução de gêneros textuais diversos: a arte, a poesia, a narrativa oral.

Todos os textos aqui publicados foram escritos por alunos da disciplina História da Tradução em Minas, oferecida por mim no primeiro semestre de 2011 e no segundo semestre de 2012. Importante lembrar que em 2011 contei com a colaboração da Profa. Ana Utsch, do curso de Conservação e Restauração da Escola de Belas Artes da UFMG, colaboração que se estendeu à etapa inicial desta publicação, a seleção de textos.

Cuidando de fazer história, vale lembrar que, para o Ocidente da escrita, a tradução nasce com Jerônimo, doutor da Igreja Católica incumbido pelo papa Dâmaso, no século IV da era cristã, de traduzir a Bíblia do hebraico para o latim. O resultado dessa tarefa-renúncia é a *Vulgata*, instrumento essencial na ampla divulgação da doutrina cristã por todo o Ocidente. E a canonização do tradutor, que se tornou em São Jerônimo, padroeiro dos tradutores. Para o poeta Octavio Paz, e para tantos outros que entendem a tradução numa perspectiva mais ampla, essa história não tem começo: trata-se de uma atividade inerente ao ser humano, como a própria linguagem. Ou, nas palavras do poeta, no ensaio *Traducción: literatura y literalidad*, em tradução minha:

Aprender a falar é aprender a traduzir; quando a criança pergunta à mãe o significado desta ou aquela palavra, o que realmente está pedindo é que traduza para sua linguagem o termo desconhecido. A tradução no interior de uma língua não é, neste sentido, essencialmente diferente da tradução entre duas línguas, e a história de todos os povos repete a experiência infantil: até mesmo a tribo mais isolada tem que se enfrentar, num momento ou noutro, com a linguagem de um povo estranho.

Sônia Queiroz

A figura do tradutor: designação e descrição

Amanda Gonzaga

Bianka de Andrade

George Vallesterio

Introdução

Pretendemos, neste ensaio, analisar as figuras de autor apresentadas por Barthes, Foucault e Chartier. Dissertaremos, especialmente, acerca da noção foucaultiana de *função-autor* e de como tal noção é retomada pelo estudioso francês Roger Chartier. Essas considerações têm como objetivo aproximar a figura do autor da figura do tradutor, – a última, central para as proposições aqui tecidas – uma vez que verificamos uma associação bastante verificável entre ambas.

Numa primeira seção, buscamos caracterizar brevemente a história da tradução no Brasil e na Europa. Para tanto, tivemos como embasamento teórico “A tradução literária no Brasil” – do brasileiro José Paulo Paes – e “A Europa das traduções é antes a Europa do apagamento das traduções” – de Henri Meschonnic. A segunda parte foi destinada à confrontação das ideias de Barthes e Foucault de morte e ressurreição do autor, respectivamente, além da análise do conceito de *função-autor*. Num terceiro momento discutimos a apropriação feita por Chartier desse conceito e propomos sua aproximação com a figura do tradutor.

A tradução no Brasil e na Europa

Para o poeta e ensaísta José Paulo Paes, escrever a história da tradução no Brasil é uma tarefa ciclópica devido à pobreza de nossos acervos e à deficiente catalogação que deles se faz; à ausência de um “levantamento histórico, abrangente e seletivo, das traduções literárias publicadas no

país”;¹ à desvalorização do trabalho do tradutor e à restrita influência da tradução sobre a criação literária, uma vez que os autores nacionais, geralmente, têm acesso às obras estrangeiras em seu idioma original. Apesar das gigantescas proporções desta tarefa – a de escrever a história da tradução – o autor indica algumas diretrizes para o trabalho quando menciona que um catálogo da história da tradução no Brasil deveria: distinguir entre boas e más traduções, sistematizando-as por língua e literatura, além de indicar os textos mais importantes já traduzidos e aqueles que se encontram disponíveis para o leitor brasileiro.

Todas essas considerações de Paes contribuem notavelmente para uma caracterização do tradutor e de seu papel no Brasil de hoje e de outros momentos. Um papel de influenciador (pois limita e seleciona as traduções que vão circular entre os leitores), mas que, apesar disso, ainda não goza de muito prestígio e reconhecimento, como confirma o próprio José Paulo Paes quando disserta sobre a tradução no século XX:

É somente no século XX, sobretudo a partir dos anos 30, que entram a criar-se no Brasil as condições mínimas, de ordem material e social, possibilitadoras do exercício de tradução literária como atividade profissional, ainda que as mais das vezes subsidiária.²

Ao longo de todo o texto, podemos notar a ênfase dada pelo autor à importância da tarefa do tradutor e, em contrapartida, a desvalorização que tal atividade tem no Brasil. No trecho supracitado, o poeta e ensaísta reconhece que ocorreram alguns avanços, mas ressalta que ainda há muito a fazer para que a profissão de tradutor desfrute do valor que lhe é digno.

Em “A Europa das traduções é antes a Europa do apagamento das traduções”, Henri Meschonnic destaca o caráter central da figura do tradutor para a civilização europeia, já que sua tradição foi fundada por meio das traduções que foram feitas dos textos clássicos para as línguas vulgares. Nas palavras do autor: “Só a Europa é um continente de tradução, no sentido de que os grandes textos fundadores são traduções e

¹ PAES. A tradução literária no Brasil, p. 9.

² PAES. A tradução literária no Brasil, p. 25.

só existem em tradução enquanto as grandes traduções são primeiro as dos textos sagrados.”³

Meschonnic ressalta o caráter pluricultural, original e constantemente tradutor que cerca a Europa desde suas origens⁴ e, posteriormente, ilustra esse caráter por meio dos diversos momentos da história do continente e da função que a tradução exerceu em cada um deles.

Barthes e Foucault: a morte e o resgate do autor

Ao decretar a morte do autor, Roland Barthes visava acabar com o sentido único do texto propondo uma livre interpretação dele. Partindo desta premissa, podemos concluir que a unidade textual não está na sua origem, na instância de produção, e sim, no seu destino, ou seja, na instância de recepção. Porém, esta instância de recepção não é um bloco homogêneo, é constituída pela multiplicidade e diversidade das culturas e dos povos. Desta forma, se não há um sentido único para o texto, uma vez que dentro da perspectiva barthesiana o texto está direcionado única e exclusivamente para o leitor – e esse leitor não é uno, e sim, plural – com certeza também não há uma única língua para este texto. A multiplicidade defendida por Barthes está presente tanto na interpretação quanta na apresentação deste texto. A unicidade é o destino, porém, a multiplicidade são os indivíduos que compõem este destino.

Como contra resposta a essa multiplicação do leitor, Michel Foucault propôs a multiplicação do autor. Suas proposições visavam resgatar o autor de uma “morte idealizada”, através da consolidação da *função-autor*. O autor, então, passa a ter uma função classificatória em relação aos seus textos, passa a controlar o horizonte de leitura do leitor.

Se a interpretação do texto passa a ser livre e tem o intuito de captar a instância de recepção – e esta é compósita, múltipla – concluímos que múltiplos terão que ser também os autores.

O nome do autor carrega vários nomes, apresenta várias vozes, ou seja, constitui uma polifonia. E a esses autores está reservado o papel de divulgar a cultura, o conhecimento dos textos, sejam estes proibidos

³ MESCHONNIC. A Europa das traduções é antes a Europa do apagamento das traduções, p. XL.

⁴ MESCHONNIC. A Europa das traduções é antes a Europa do apagamento das traduções, p. XLI.

ou não. Retomando a questão da noção de propriedade, de certa forma, o texto passa a ser do mundo, mas esse mundo também é múltiplo, daí o desdobramento da função autor na *função-tradutor*. Ao se apropriar desses discursos, o tradutor também deixa a sua marca, a sua essência, legitima a sua autoria.

A esse “tradutor autor” associam-se também as noções de propriedade, punição e transgressão. A ele também é destinada a função classificatória em relação aos textos. O tradutor a controlar o horizonte de leitura do leitor. Nessa “transgressão compensatória” se funda uma das bases para o estabelecimento da *função-tradutor*.

A *função-autor* articulada à história da produção de livros

O famoso ensaio de Michel Foucault – “O que é um autor?” – que resgata o autor, anteriormente destruído por Barthes, é retomado por Roger Chartier em seu texto “Figuras do autor”. O historiador nos lembra da abordagem de Foucault, onde este fazia a distinção entre a “análise histórico-sociológica do personagem autoral” e uma *função-autor*, sendo a última construída pelo filósofo de forma a dar ao autor um papel de classificador maior dos discursos. Esta *função-autor* seria caracterizada por aquilo que designa e que descreve a figura autoral num determinado momento histórico. Sendo assim, Chartier retoma o ensaio de Foucault para dar início ao seu texto, no qual ele irá propor observar o funcionamento da referência ao autor retomando a trajetória desta figura desde a época medieval. Porém, em relação a Michel Foucault, nosso historiador chega a diferentes conclusões a respeito de como se fundou a *função-autor*.

Para resgatar a existência dessa figura na Idade Média, Chartier explora primeiramente alguns períodos nos quais podemos identificar diferentes formatos e interpretações do *sujeito-autor*, o que explicaria a multiplicidade no título de seu texto. Ao discursar sobre a imposição do patronato e o papel dos livreiros em relação à produção de livros durante o século XVIII, Chartier aponta para as primeiras noções de apropriação da propriedade literária e de propriedade do autor como fruto de um trabalho individual. Chartier nos aponta que – um pouco mais à frente,

no século XVIII – num contexto de uma revolução social liderada pelo movimento que chamamos de Iluminismo, a figura do autor se definiu, próxima da forma como a conhecemos agora, por meio do estilo. Mesmo defendendo um ideal de liberdade intelectual, os pensadores dessa época viram na afirmação do autor, através do gênero textual, uma excelente forma de desenvolver o mercado livreiro. Sendo assim, a figura do autor teria se definido a partir do momento em que este passou a se designar como um escritor de gêneros textuais? Teria sido por meio do estilo que o autor se definiu na sociedade? Talvez. Segundo Chartier, apenas a figura jurídica e simbólica do autor se fundou neste momento. Para Foucault, a *função-autor* se construiu pela definição dos gêneros, porém, durante a Idade Média, onde pela primeira vez foi diferenciado o texto científico do texto literário. A *função-autor* foi constituída neste período como uma arma na luta levada a termo contra a difusão de textos lidos por heterodoxos. Seguindo os passos de Foucault, Chartier volta mais no tempo para nos mostrar que a função do autor foi fundada anteriormente a noções de propriedade literária e de apropriação penal, porém ele não chega à mesma conclusão que o filósofo francês.

Roger Chartier continua sua busca procurando pela definição antiga da palavra *autor* adentrando por momentos históricos cada vez mais distantes de nós. Ele busca no *Dictionnaire universel* de 1690 e, ainda, nos catálogos antigos: *La Croix de Maine* e *Du Verdier*. Assim, ele descobre que na definição do dicionário a noção de autor está associada àquele que publica e que os textos encontrados nos catálogos do fim do século XVI foram organizados alfabeticamente pelo nome de seus autores. Isso apontando, respectivamente, para a importância do conjunto de funções que devem ocorrer para se fazer um livro e divulgá-lo, e para o prestígio do *nome* e da *figura* de quem escreve já mesmo naquela época. Ao observar que, no século XVIII, a *função-autor* se harmonizava muito bem com as dependências pelo patronato, ele exemplifica com a composição da página-de-rostro dos livros antigos para demonstrar isso. Nelas encontramos juntos: o nome do autor, o nome do patrono, a grande marca do editor, a autorização com privilégios para publicar a obra e ainda no final – em pequenas letras – o nome do livreiro. Com isso o historiador volta às noções de *contrato* presentes no século XVI e XVII. Esses contratos

eram firmados entre autores e livreiros e confirmam a imbricação entre as regras do negócio e as exigências da proteção.

O historiador continua colocando em foco a materialidade do livro: "A manifestação mais imediata, mais material, de atribuição do discurso a um autor reside na identidade que existe entre uma obra e um objeto, entre uma unidade textual e uma unidade codicológica."⁵

É neste momento que nosso contemporâneo francês chega à grande conclusão de seu texto: "Durante muito tempo, as coisas não se passaram assim para os textos em linguagem vulgar."⁶

Ele percebe que com a afirmação das línguas vulgares houve uma mudança no sistema de produção de conhecimento. Talvez seja interessante pensarmos nesse processo como um acontecimento mútuo: o desenvolvimento do sistema de produção de conhecimento se deu ao mesmo tempo em que surgiu a necessidade de afirmação das línguas vulgares, pois esta necessidade já representava uma forma diferente de se expressar e um amadurecimento da produção de conhecimento.

Desta forma surge o momento em que introduzimos a figura do tradutor na história, pois foi ele a chave para a reprodução dos textos em língua vulgar que circularam durante a Idade Média. Se, para Chartier, a *função-autor* se deu através da afirmação das línguas vulgares, o papel do tradutor foi de suma importância para a consolidação da figura do autor. Assim, propomos aqui a possibilidade de uma *função-tradutor* ao longo da história.

A abordagem do processo de produção literária através da história não é uma inovação exclusiva de Roger Chartier. Walter Benjamin em seu texto "A tarefa do tradutor" defendeu primordialmente que o conceito de História é aquele intimamente ligado ao de Vida. Porém Benjamin não expôs a figura do autor, mas sim, a de um tradutor. Se considerarmos as implicações das "Figuras do autor", podemos identificar *figuras do tradutor* implícitas em meio ao processo de desenvolvimento da produção de conhecimento do século XIV e XV.

⁵ CHARTIER. Figuras do autor, p. 55.

⁶ CHARTIER. Figuras do autor, p. 55.

Considerações finais

Na introdução deste ensaio, vimos um panorama da figura do tradutor ao longo da história. Posteriormente, confrontamos Barthes e Foucault por meio da morte e da ressurreição – esta última através da *função-autor* do autor. A noção foucaultiana de *função-autor* nos foi valiosa também, num terceiro momento, quando buscamos determiná-la ao longo dos tempos tendo como base as *figuras do autor*, de Roger Chartier. Ainda nesta terceira seção, buscamos sugerir algo já anunciado na segunda parte: uma possível *função-tradutor*.

À guisa de conclusão, sugerimos, portanto, que existiria uma *função-tradutor* a ser determinada, ou seja, haveria que se designar e se descrever esta figura ao longo da história. Tal tarefa poderia, em princípio, ser esboçada através dos textos panorâmicos de José Paulo Paes e de Henri Meschonnic que dissertam sobre a história e as atribuições do tradutor no Brasil e na Europa, respectivamente.

Vimos com Barthes e Foucault que ao autor associam-se as noções de propriedade, punição e, sobretudo, a noção de transgressão, e é nesta última que possivelmente se consolidaria a *função-tradutor*.

Referências

- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: _____. *O rumor da língua*. Tradução de Mario Laranjeira. Prefácio Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 65-70.
- BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Tradução de Fernando Camacho. *Humboldt*, Munique, F. Bruckmann, n. 40, 1979. p. 25-49.
- CHARTIER, Roger. Figuras do autor. In: _____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary del Priori. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994. p. 33-66.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor? Tradução de Inês Aufran Dourado Barbosa. In: _____. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Organização e seleção de Manuel de Barros Mota. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. (Ditos & Escritos, 3) [2. ed. 2006, 2. ed. 1ª reimp. 2009.]
- MESCHONNIC, Henri. A Europa das traduções é antes a Europa do apagamento das traduções. In: _____. *Poética do traduzir*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010. p. XL-LXIV.
- PAES, José Paulo. A tradução literária no Brasil. In: _____. *Tradução: a ponte necessária; aspectos da arte de traduzir*. São Paulo: Ática, SEC, 1990. p. 9-31.

Breve panorama da tradução na Europa

Gustavo Tanus

Introdução

Inicia-se este breve panorama da tradução na Europa retomando o mito da Torre de Babel,¹ cuja representação gera uma origem para a ação de traduzir. Nesta passagem do Gênesis, o Senhor interrompe a edificação da Babel, cujo propósito era reunir as pessoas em um local, evitando que se espalhassem pela terra. Eis que o Senhor desceu e confundiu a língua dos homens e os espalhou sobre a face da terra. Nesta ação de conter pela negação de uma língua única às pessoas, tornou a comunicação/ interação dificultosa, senão impossível entre elas, que impulsionou os homens à aventura nos processos de tradução.

Em *Poética do traduzir*, Meschonnic afirma que a Europa é um continente da tradução e teria se fundado por meio desta e nesta tradução, isto significa que havia a interação entre os diferentes povos, antes, uma necessidade de conhecer o alheio, que funda a característica pluricultural do velho continente, justificada pela intensa atividade tradutória no decorrer dos séculos. O autor, ao dizer que a constituição de uma teoria do traduzir seria inseparável de um refletir sobre sua história, sobre “suas histórias”, tratava da detecção de um lugar, no caso, a Europa, em relação a outros lugares, onde um intenso processo teria sido “operado”. De fato, para a construção de uma teoria é necessário escutar não somente uma história, mas a maioria delas, a fim de constituir uma poética do

¹ Capítulo 11 do Gênesis, na tradução *fiel* de João Ferreira de Almeida.

traduzir. Assim, não se justificará a tinta aqui gasta pela novidade, senão pela definição do objetivo, que é traçar, em linhas gerais, um breve e conciso panorama histórico da tradução na Europa, utilizando como textos-base o já mencionado texto de Meschonnic e a *Brevíssima história da teoria da tradução*, de Furlan, a fim de reunir, neste espaço, informações sobre as diversas concepções e práticas da tradução no velho continente.

Primórdios

Meschonnic destaca que a primeira grande tradução de que se tem notícia, no período antigo, foi a *Septuaginta*, uma tradução coletiva, vertida por um grego, do original hebraico ao grego, destinada aos judeus helenizados. Já a primeira tradução literária fora feita em Roma, por Lívio Andrônico, que traduziu a *Odisseia* de Homero. Por este feito, Lívio fora considerado, também, o primeiro tradutor individual, e inaugura uma era de traduções do grego ao latim. Esta intensa atividade realizada pelos romanos é manifestada pelos inúmeros verbos utilizados para significá-la, e culmina, para alguns críticos, na primeira tomada de posição ou tentativa de teorizar a tradução. Dos questionamentos de Cícero, que se declarou “orador” no lugar de “intérprete”, alguns teóricos discordam que o mesmo tenha sido o inaugurador de um posicionamento teórico acerca da tradução, porque seus escritos sobre o tema não foram elaborados em um tratado específico dedicado à tradução, mas no de eloquência, no qual ele evidenciou sua tarefa de imitador. Esta tarefa, a *imitatio*, praticada para o ensino de retórica, consistia na tradução e imitação de modelos literários gregos, “a tarefa da tradução é concebida como a produção de uma réplica através da diferença, do deslocamento, da substituição e da apropriação cultural ou canônica”,² o que marca a gênese da literatura latina.

Em 384 d.C., São Jerônimo traduz a *Septuaginta* ao latim, denominada *Vulgata*, que é a primeira grande tradução latina não literária, marcada pelo retorno ao original hebraico e uma hebraicização do latim. No contexto desta tradução, São Jerônimo teorizou sobre sua tarefa como tradutor, distinguindo sua técnica de tradução de “sentido a sentido”, da

² MESCHONNIC. *Poética do traduzir*, p. XXXIX-LXIV.

“palavra a palavra”, utilizada por Cícero, acrescentando que esta fora conveniente àquela época, mas não convinha à tradução das Santas Escrituras. A *Vulgata* é ainda considerada uma das grandes traduções feitas, e, por “inscrever a diferença [da língua hebraica] no latim, reconfigurou a própria língua latina a partir da estranheza do outro, [a esta reconfiguração dá-se o nome de decalque] desviou-se da literalidade e arriscou na interpretação dos sentidos do texto”,³ e, portanto, serviu, por longo tempo, como um modelo. Entre tantos outros tradutores e traduções, destaca-se, deste período, que a forma de tradução mais praticada entre os romanos era a tradução palavra por palavra, a tradução técnica, de Cícero; e a tradução parafrástica, criativa ou retórica.

Idade Média e Renascimento

Durante a Idade Média a atividade de tradução se intensificou. As traduções da Bíblia deram novo fôlego a esta atividade tradutória. Nesta época, diversos novos verbos para significar tradução denotam sua continuidade. Conforme Furlan, no *Duecento* surgiu o verbo *volgarizzare* cuja importância é a de significar ação de *volgarizzamento*, tradução para as línguas vernáculas, que estavam, todavia, em formação. Nesta fase, marcada pela influência da cultura francesa sobre as demais, sobretudo a cultura popular da França, foram traduzidas principalmente novelas e bestiários. Inicia-se a tradição de *volgarizzare* textos de cunho retórico-jurídico, clássicos latinos; havia um desejo de adquirir exemplos de eloquência. Nesta época os textos de Cícero foram traduzidos.

Entretanto, marca-se um tratamento livre dado ao original, não se preocupavam com suas propriedades estilísticas, porque desejavam traduzir de modo claro, mesmo que para isto fosse necessário abandonar os “adornos linguísticos e literários presentes no original”.⁴

Já o século XIII fora marcado pela insurgência de um público literário, que demandava a tradução para as línguas vulgares, também em formação, porque a população não estava muito familiarizada com a língua de partida do texto, apenas dominavam o latim na suficiência que os

³ MACIEL. *São Jerônimo em tradução*, p. 53-59.

⁴ FURLAN. *Brevíssima história da tradução no Ocidente*: III, p. 1.

exigia o trabalho e a vida social. Ainda no *Trecento*, se acentua o contato entre a prosa vulgar e os estudos clássicos, entretanto a escolha dos textos para a tradução se deu por motivos mais práticos. Os principais nomes do *volgarizzamenti* são Guidotto de Bologna e Brunetto Latini, e suas tarefas de tradução foram conduzidas pela tentativa de manutenção do estilo original, o que pode ser percebido nas estruturas sintáticas e no léxico da tradução. Conforme Amauri Furlan,⁵ eles possuíam diferenças, pois Brunetto respeitou mais a língua vernácula e extraiu menos elementos do latim e Giamboni fora mais fiel e constante.

O autor destaca que, neste período, havia uma intenção para a tradução, que era a divulgação, mas de coisas belas e não úteis. A técnica muito utilizada para os *volgarizzamenti* foi o decalque, muito importante para a formação das línguas vernáculas. O decalque não consistia apenas em uma tradução palavra por palavra, mas em uma aquisição da palavra inexistente na língua de chegada, ou, segundo Oresme (tradutor francês das obras de Aristóteles), que a ausência de correspondentes em francês para as palavras em latim o obrigava a “transplantar palavras”.⁶

Séculos XV ao XVIII

Da mesma forma que o Renascimento despertou uma querela entre tradutores, conflito que fomentou uma tomada de consciência de sua tarefa, as Reformas intensificaram este debate, favorecido diretamente pelo aumento significativo de números de tradução da Bíblia, mas também pelas proibições, sob o risco de os tradutores serem levados à fogueira, ou condenados à forca, por heresia, como é o caso de Tyndale, enforcado em 1525, apenas por traduzir para o inglês o Novo Testamento.

Na Alemanha, já havia traduções da Bíblia anteriores à de Lutero. Entretanto, sua Bíblia, por suas especificidades – o fato de introduzir um caráter popular da linguagem – tornou-se de uma grande tradução, bastante respeitada. Na Inglaterra, dentre as traduções da Bíblia, destaca-se a *Bishop’s Bible*, de 1568, que fora revista por 47 eruditos, entre os anos de 1604 e 1611, tornando-se depois a *Autorized Version*, mais conhecida

⁵ FURLAN. Brevíssima história da tradução no Ocidente: III.

⁶ Citado por MESCHONNIC. *Poética do traduzir*, p. XLVII.

como *King James Version*, e marcou profundamente a literatura e a língua inglesa.

O surgimento da imprensa aliado à origem e expansão de um mercado editorial, ao mesmo tempo em que fortalecem a figura do autor, possibilitaram uma relativa personalidade ao tradutor, que principiara sair do anonimato. Esforços foram empregados para definição em torno do tradutor e de sua prática, no fortalecimento de uma poética da tradução, na ampliação de debates críticos.

Como disse Meschonnic, o século XVI é marcado pela iniciativa vigorosa de sistematização das tarefas da tradução, como um esboço para uma poética do traduzir. Esta tentativa é percebida pela publicação, em 1540, do primeiro tratado de tradução em francês, *La manière de bien traduire d'une langue en autre*, de Étienne Dolet, em que são dispostas cinco regras como princípios essenciais da tradução.

O século XVII gesta a *bela infiel*, uma metáfora que significa infidelidade da tradução. Nesse ínterim, inicia-se a “querela dos antigos e dos modernos”, ilustrada pelo contexto de tradução de Anacreonte e Safo, realizada por Mme. Dacier, em 1681, em que é dada a explicação de que “somente a prosa pode seguir todas as ideias do poeta, conservar a beleza de suas imagens e dizer tudo o que ele diz”.⁷

No século XVIII parte-se ao encontro de “mundos estranhos”, foram traduzidos textos do russo, do persa, do sânscrito, do chinês e, em 1735, foi traduzido Camões. Na Inglaterra desse mesmo século, é chegado o tempo das belas infiéis. Pope traduziu em rima simples a *Odisseia* e William Cowper em versos brancos. Dryden prefacia a sua tradução das *Epístolas* de Ovídio, sistematizando a tradução segundo três técnicas: 1) a metamorfose, palavra a palavra; 2) paráfrase ou tradução livre, via média; 3) imitação, onde o original não é mais do que um ponto de partida; o que consistiu em uma tentativa de sistematizar a tarefa de tradução. Em 1791, Alexander Fraser Tytler em *Essay on the principles of translation* (Ensaio sobre os princípios da tradução), institui a comparação entre as traduções, e as define segundo três princípios: 1) do sentido e das ideias; 2) do estilo; e para a poesia, Tytler repetiu o que dizia Du

⁷ MESCHONNIC. *Poética do traduzir*, p. LI.

Bellay, só um poeta pode traduzir um poeta e 3) a anexação, escolha de equivalentes em língua de chegada para provérbios e expressões idiomáticas, que revelam inclusive um desejo de constituir alguma teorização sobre a tradução.

No século XVIII, na Alemanha, surge a primeira revista dedicada aos problemas da tradução, a *Critisiche Beyträge*. Um profundo descrédito paira por sobre a bela infiel. A tradução para os alemães passa a significar uma revalorização da língua vernácula, por meio da consideração de que haveria uma superioridade do alemão sobre as outras línguas, para tradução de Homero. Johan Heirich Voss traduz a *Ilíada*, em 1778, e a *Odisseia*, em 1781. E Ludwig Tieck traduz *Dom Quixote*. Já a Rússia, cuja língua era considerada nova, as traduções eram encomendas dos imperadores, e “desempenhava parte constitutiva na elaboração da língua, e mesmo de sua métrica”.⁸

Século XIX

Este século, como afirma Meschonnic é marcado pela procura do original, pela procura de um “traduzir ao idêntico”, marcado também “pelo ápice do universal e o começo de seu declínio, o começo dos nacionalismos de língua-cultura, apesar da hegemonia europeia do francês”.⁹

Pouco se teorizou, neste século, acerca da tradução. Entretanto, algumas considerações dos tradutores sobre suas traduções sugerem alguns pontos de vista da época. Schleiermacher, em seu ensaio de 1813, distinguiu dois caminhos essenciais: em direção à língua de partida ou à língua de chegada. Goethe faz distinção de três tipos de tradução: “aquela que faz conhecer adaptando e suprimindo as particularidades do estilo, a Bíblia de Lutero; a tradução ‘parodística’, a adaptação à francesa, que dá a impressão de um original em língua de chegada; e a tradução idêntica ao original, de maneira que possa valer não no lugar da outra, mas em seu lugar.”¹⁰ Em *On translating Homer*, de Matthew Arnold, em 1861, incorpora-se ao pensamento acerca da tradução uma crítica das traduções, prendendo-se ao princípio “de não traduzir os poetas” para restituir

⁸ MESCHONNIC. *Poética do traduzir*, p. LIV.

⁹ MESCHONNIC. *Poética do traduzir*, p. LV.

¹⁰ MESCHONNIC. *Poética do traduzir*, p. LVI.

as quatro qualidades que ele vê em Homero: “rápido, simples, direto e nobre”.¹¹ Púchkin elogiou a tradução de Chateaubriand, do *Paraíso perdido* de Milton por ter sido realizada palavra a palavra, sob uma maneira que, para ele, era a “nova exigência de ver os escritores no seu costume nacional e com seus defeitos naturais”.¹²

Algumas línguas, durante este século, passaram a ter existência literária, como o russo, através do francês, pela tradução das novelas de Púchkin; diversas traduções de textos literários e religiosos do oriente são produzidas. Michelet traduz *La scienza nuova*, do italiano Giambattista Vico, em 1825. São traduzidos também Bentham, John Stuart Mill, Spencer, Darwin, e a obra completa de Kant para o francês.¹³

Século XX

A era dos extremos, como o historiador Hobsbawm denominou este “breve século”, é, por tal denominação, uma época de grandes avanços tecnológicos e de grandes guerras. Segundo Meschonnic, estas guerras tiveram papel importante para a modificação da tradução, adicionado o papel de comunicação, que pode ser ilustrado pela condução do julgamento dos “criminosos” da II Guerra por meio da “tradução simultânea”, no Tribunal de Nuremberg. Em um momento posterior a esta grande guerra, a Guerra Fria promovera a máquina de traduzir, tradutores automáticos, no desejo de permitir a comunicação entre pessoas, cada qual a partir de sua língua. É um tempo de grande diversidade de traduções, cada uma delas segundo uma proposta, ocupado por “imensa matéria traduzida”, o que não significou terem existido grandes traduções: é um tempo de falsas belas, nem Dante conseguiu escapar da má tradução, roubaram-lhe “a prosódia e os ritmos”, retendo dele apenas a rapidez; da Bíblia, traduzida inúmeras vezes neste século, Georges Passelecq extirpa o hebraico. Marca-se a introdução, através da França, do romance latino-americano, do espanhol traduz-se Lorca. Regressaram ao teatro do Século de Ouro, Calderón traduzido por Albert Camus, Lope de Vega por Supervielle.

¹¹ MESCHONNIC. *Poética do traduzir*, p. LVI.

¹² MESCHONNIC. *Poética do traduzir*, p. LVII.

¹³ MESCHONNIC. *Poética do traduzir*, p. VVII.

Na Alemanha, são os poetas que traduzem, e suas traduções são consideradas e permanecem, Shakespeare e Dante entre outros são traduzidos pelo poeta Stefan George, a estas traduções ele nomeava *Umdichtungen*, poemas transformados, transpoemas; o tradutor, “em suas traduções é um *Nachdichter*, e a *Nachdichtung* é um poema depois de um poema, entre a transcrição exata e a adaptação”.

De Walter Benjamin, como prefácio a sua tradução de Baudelaire, surge um “manifesto da alteridade contra a anexação costumeira à identidade, mas de língua a língua, não em uma poética dos textos”, em que a tradução representaria uma forma de “confronto à estranheza das línguas, à busca de uma expressão, à relação entre essas línguas”.¹⁴

“Estado dos lugares”

A tradução se profissionalizou, multiplicaram-se os manuais, em que estão compilados, segundo Meschonnic, o preceito incontestável, mas insuficiente, de que “a tradução literária é uma passagem de língua a língua”. E ainda segundo o próprio autor, faltaria um vínculo indispensável a uma poética dos textos a traduzir. Desta lida, a reunião dessas grandes traduções em torno desses originais grandiosos é o indício da necessidade de uma poética para o traduzir.

O autor chama a atenção também para o fato de um grande texto arrastar consigo uma tradução que seja grande, e serem seguidos também de uma grande quantidade de traduções medíocres, que revelam apenas os limites de uma época. Destaca ainda que a “má tradução (no sentido neutro) é uma não-tradução (no sentido avaliador)”.¹⁵ E assim, alguns autores que passavam por intraduzíveis, são intraduzíveis na medida em que foram mal traduzidos.

A afirmação de que “os grandes tradutores não são grandes somente pela importância dos textos que traduziram” e que “grandeza não é assunto de dimensão, mas de intensidade”¹⁶ demonstra a possibilidade de existência de traduções em suas diversidades de propostas,

¹⁴ MESCHONNIC, *Poética do traduzir*, p. LIX.

¹⁵ MESCHONNIC. *Poética do traduzir*, p. LXI.

¹⁶ MESCHONNIC. *Poética do traduzir*, p. LXI.

o que permite a continuidade das boas traduções realizadas em tempos remotos.

Meschonnic¹⁷ preceitua que a tarefa primordial da tradução poética deveria consistir num traduzir “o que as palavras constroem em lugar daquilo que dizem”. E a execução desta tarefa não se realizaria por meio da desapareição do tradutor em sua tradução, pelo contrário, visto que o sentido literário deve ser apreendido, e não só, deve ser recriado por ele.

Esta atividade pode não ocorrer quando se confunde a “representação da linguagem” (em todas suas virtudes) como “língua, palavra, sentido, forma” – signo; ou seja, toda a capacidade de significar reduzida a pequenos conjuntos de significação.

Para o autor, na teoria geral da linguagem estariam contidos os problemas do traduzir, e esta teoria somente seria possível e necessária como um pensamento do conjunto da linguagem e da literatura, o “infinito da linguagem”, que pressupõe uma visão conjuntural, sob a infelicidade de que sua ausência seja notada, como o caso de algumas traduções, que foram ótimas traduções, em seus tempos, e depois pareceram incoerentes. Porque a fidelidade mais tarde poderá parecer infidelidade, pois não era uma fidelidade ao texto, mas sim à época.

Para a constituição da *poética do traduzir*, a qual fora trabalhada através dos processos históricos aos quais se inseriram as práticas da tradução, Meschonnic afirma que a “força de uma tradução bem sucedida é que ela é uma poética para uma poética, que não fora obtida através da opção do sentido pelo sentido nem de uma palavra pela palavra, mas [por meio daquilo] que faz um ato de linguagem um ato de literatura”.¹⁸

Considerações finais

A partir deste breve panorama pode-se constatar que o processo histórico ao qual se inseriram as práticas de tradução só pode ser interpretado a partir da construção de uma *poética do traduzir*.

E finaliza-se dizendo que a Babel, símbolo que marca diferença entre os homens, um prêmio por sua ousadia, não se resolveu por meio

¹⁷ MESCHONNIC. *Poética do traduzir*, p. LXII.

¹⁸ MESCHONNIC. *Poética do traduzir*, p. LXIV.

da atividade tradutória, e mantém-se viva, seja por tanta diferença entre concepções e práticas durante estes séculos de tradução, seja pelo fato deste mito não ter sido conhecido através do primeiro original, em hebraico, mas, aos falantes de português, por meio da Bíblia pela tradução de João Ferreira de Almeida, configurada ainda na Europa das traduções.

Referências

- BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Tradução de João Barrento. In: BRANCO, Lúcia Castello (Org.). *A tarefa do tradutor de Walter Benjamin*: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. p. 82-98. (Cadernos Viva Voz)
- FURLAN, Mauri. Brevíssima história da tradução no Ocidente: I. Os romanos. *Cadernos de tradução*, Florianópolis, PGET, n. 8, p. 11-28, 2003.
- FURLAN, Mauri. Brevíssima história da tradução no Ocidente: III. Final da Idade Média e o Renascimento. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, PGET, n. 13, p. 9-25, 2005.
- MACIEL, Maria Ester. São Jerônimo em tradução: Julio Bressane, Peter Greenaway e Haroldo de Campos. *Aletria – Revista de estudos de literatura*, Belo Horizonte, CEL/Pós-Lit-UFMG, v. 8, p. 53-59, 2001.
- MESCHONNIC, Henri. A Europa das traduções é antes a Europa do apagamento das traduções. In: _____. *Poética do traduzir*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010. p. XXXIX-LXIV.

Breve panorama histórico da tradução no Brasil

Guilherme Zica

Descrever o processo histórico por que passou o tradutor e seu trabalho no Brasil é uma tarefa a que se dedicaram poucos corajosos. A ausência de documentação sobre o assunto e o limitado tratamento dado pela historiografia brasileira à atividade tradutória representam obstáculos que dificultam ainda mais o trabalho. Neste contexto deficiente, destacam-se as iniciativas de José Paulo Paes¹ e, mais recentemente, de Lia Wyler,² cujos trabalhos propõem uma primeira confrontação com essas dificuldades. De maneiras distintas, os autores estabelecem críticas à situação de invisibilidade que nubla a atividade tradutória no país, procurando atestar, a partir de perspectivas históricas, a necessidade e a importância da tradução para a consolidação de um meio cultural mais vigoroso no Brasil.

Apesar desses estímulos, a tradução ainda não recebe a devida atenção em nosso país. Um dos fatores principais disso parece estar no modo como são relacionados o tradutor e o texto traduzido. Muitas vezes, o tradutor é sutilmente afastado do documento que traduziu. Sua tarefa é ofuscada, por um lado, pela projeção direta do texto original sobre a tradução, de maneira que a impressão criada sobre o texto traduzido é a de que se está lendo o próprio original, e, por outro, pela discreta referência dada ao próprio tradutor do texto, já que o nome que se atribui a este "prolongamento do original" é o do próprio autor estrangeiro. O

¹ PAES. A tradução literária no Brasil.

² WYLER. *Línguas, poetas e bacharéis*: uma crônica da tradução no Brasil.

espaço reservado ao tradutor na página de créditos é ínfimo em relação aos privilégios reservados ao autor, cujo nome vem mesmo etiquetado tanto na capa quanto na folha de rosto do livro.

Desta forma, o tradutor já nasceria morto, afastado do texto que transcriou. Suas aparições espectrais e esporádicas se devem a dois fatores fundamentais. Primeiro, a alguns críticos que, incomodados com escolhas tradutórias ou com outros problemas semânticos do texto, atribuem as imprecisões do original ao indivíduo que o traduziu. Segundo, às expectativas de lucro das editoras que contratam escritores renomados para fazerem as traduções. O tradutor, portanto, é ressuscitado – quando o é – sob duas condutas: como traidor do texto original, por um lado; ou, por outro, como um sujeito ilustre cuja reputação intelectual parece bastar para a garantia de uma boa tradução.

Entretanto, este ilusório afastamento do tradutor do texto não corresponde à realidade brasileira, em que aproximadamente 80% da produção editorial corresponde a traduções. O significativo volume de material traduzido que esta cifra engloba reflete os traços de dependência cultural de um país que se informa via ideias estrangeiras, mas que, paradoxalmente, insiste, ao mesmo tempo, em se negar como leitor de traduções e em negligenciar a importância do trabalho de quem se encarrega desta mediação. Ora, o golpe arbitrário com que executamos o tradutor do texto reduz a diferença entre as culturas fonte e alvo, contraria a perspectiva da mediação intercultural, bem como alimenta a concepção fundamentalista de uma unidade global de entendimento, veiculada pela débil ideia de globalização.³

Em *Poética do traduzir*, Meschonnic associa o continente europeu à tradução. Para ele, a Europa teria se formado a partir de traduções. De fato, as tradições intelectual e religiosa do continente remetem fundamentalmente a culturas estrangeiras: aos gregos, para a ciência e a filosofia; aos hebraicos, para a Bíblia. A perspectiva de uma origem pluri-cultural baseada em tradições alheias, como foi a da Europa, não parece imprópria para descrevermos a formação cultural do Brasil. Este país, da mesma forma, fundou-se em traduções, no contato múltiplo entre

³ SELIGMANN-SILVA. Globalização, tradução e memória.

ímpares, de modo que identificamos nas mímicas relatadas por Pero Vaz de Caminha para descrever a comunicação entre portugueses e índios, o primeiro ato de tradução no Brasil. Este ato inicial, que não foi propriamente oral nem escrito, demarca o início de uma atividade descontínua ao longo da história brasileira.

Esta descontinuidade afetou diferentemente os modos de tradução oral e escrita ao longo dos 500 anos de nossa história do Brasil. Além disso, ela parece estar relacionada a alguns fatores pontuais: 1) ao multilinguismo, convivência de múltiplas línguas desde o achamento do Brasil; 2) às sanções sobre a produção cultural impostas pela metrópole à colônia; 3) à condição social do tradutor, o que engloba a educação recebida pelas elites coloniais brasileiras; 4) às políticas editoriais adotadas no país desde a fundação da Imprensa Régia.

Procuraremos orientar o texto a partir do modo como estes quatro pontos característicos da história da tradução no Brasil atuam sobre as traduções oral e escrita, antes e depois da transferência da corte para o Rio de Janeiro. Escolhemos a chegada da família real portuguesa em 1808 como marco histórico para a atividade tradutória no território brasileiro graças aos impactos que ela causou sobre o mundo cultural da colônia.

A tradução no Brasil até 1808

Antes da vinda da família real para o Brasil, a tradução escrita praticamente inexistia como prática regular e contínua. Durante os três séculos de dominação, os portugueses impuseram censuras graves a práticas culturais que afetavam diretamente a atividade tradutória. O controle da comercialização de livros, a proibição de se instalarem universidades e tipografias na colônia foram algumas das sanções especiais reservadas ao meio cultural por parte da administração colonial. Ora, a centralização do controle português dependia da não circulação de ideias estrangeiras e, se possível, do completo alheamento dos colonos em relação aos modos de vida exteriores. Conseqüentemente, a tradução, cujo principal papel é proporcionar o trânsito de ideias estrangeiras, foi uma atividade sistematicamente restrita no período colonial.

A situação é distinta no que tange a tradução oral. O intérprete representava uma figura fundamental para a concretização dos planos

da metrópole. A necessária mediação entre o europeu e o índio, portanto, cabia ao *língua*. Tendo o nosso país nascido na tradução, não espanta o fato de que o intérprete já estivesse presente na cena inaugural de cultura brasileira nas areias de Porto Seguro em abril de 1500. Naquele momento, contudo, ele não tinha este nome nem sequer mediava por palavras.

Tradução oral

Os gestos foram sendo gradativamente substituídos pela fala, à medida que os degredados – portugueses deixados em terras brasílicas para estabelecerem contato com os índios – faziam progressos no aprendizado das línguas dos autóctones. Esses degredados e outros que a eles se juntaram posteriormente, como alguns náufragos, foram os primeiros intérpretes da coroa portuguesa e receberam o curioso nome de *língua*. O *língua*, como foi conhecido o tradutor oral, era um importante instrumento para a confirmação do domínio estrangeiro, tendo sido, portanto, rapidamente institucionalizado pelos colonizadores portugueses, e pelos espanhóis, no caso da América hispânica. Durante os primeiros anos de dominação, em que os portugueses procuraram consolidar sua estrutura de poder, a tradução oral sobrepujou em muito a tradução escrita.

O desempenho de Doña Marina (la Malinche) como intérprete entre os astecas e os espanhóis esclarece emblematicamente o papel desempenhado pelo tradutor na máquina de poder colonial. Além do êxito obtido por dissuadir os índios de resistirem às investidas espanholas, esta indígena, filha de um cacique influente, foi intérprete e concubina de Hernán Cortés. Graças à habilidade diplomática e à fidelidade de Marina, este conquistador esteve todo tempo informado sobre espíões e conspiradores. Os portugueses, por sua vez, esperavam a mesma diligência de seus intérpretes, cuja incorporação ao poder colonizador era fundamental para os avanços das relações entre eles e os índios.

O multilinguismo característico da vida colonial brasileira, engendrado pela convivência de variadas etnias autóctones e estrangeiras, tornava a presença do intérprete indispensável. Há pelo menos quatro grupos culturais que, por terem proporcionado um ambiente plurilíngue,

impulsionaram a tradução oral no Brasil durante o período colonial e mesmo depois. Trata-se dos índios, dos portugueses, dos africanos e dos outros estrangeiros de uma maneira global.

A grande diversidade de grupos linguísticos entre os indígenas não só estimulava o bilinguismo, ou o plurilinguismo, entre eles, mas também, como defende Houaiss, abria oportunidade para a formação de línguas francas. O abanheenga, do tronco tupi, posteriormente renomeado nheengatu por padre Anchieta,⁴ é o principal exemplo deste processo. Esta língua franca era, ao lado do português, o idioma mais falado nas terras brasileiras até que um decreto de Dom José, rei de Portugal, proibisse seu uso no século XVIII. Os portugueses, por sua vez, tinham formação poliglota, já que conheciam, além do latim, que ainda era o idioma europeu de produção cultural por excelência, o castelhano e o francês. O envio de milhões de negros à colônia pelos portugueses corresponde a uma parcela significativa da formação desta “Babel” tropical. Os escravos, pertencentes a diferentes grupos étnicos, chegavam de partes distintas do continente africano, trazendo consigo uma extensa variedade de línguas e dialetos. Assim como no caso dos índios, houve o desenvolvimento de duas línguas francas de bases africanas: o iorubá na Bahia, e o quimbundo no sul e no norte do Brasil. Além desses grupos, “piratas, corsários e colonizadores, de nacionalidade espanhola, francesa, inglesa e holandesa, contribuíram para fortalecer as tradições de plurilinguismo e multiplicar o número de intérpretes durante o período colonial e além”.⁵

Por esta condição *sui generis* de multilinguismo, Wyler acredita, “portanto, poder afirmar que desde o achamento do Brasil houve um extraordinário número de línguas em confronto, o que exigiu a presença de mediadores – os *línguas* ou intérpretes – para que a comunicação pudesse efetivamente ocorrer”.⁶ Apesar desta constatação, não se pode perder de vista a discrepância documental existente em relação à

⁴ Padre José de Anchieta (Espanha, 1534-1597) completou e publicou em Lisboa, em 1595, a inacabada gramática de padre João de Azpilcueta Navarro sobre o nheengatu, a que intitulou *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Padre João de Azpilcueta Navarro, falecido na Bahia em 1557, é autor da provável primeira tradução brasileira, vertendo a Suma da doutrina cristã do português para o tupi.

⁵ WYLER. *Línguas, poetas e bacharéis*: uma crônica da tradução no Brasil, p. 34.

⁶ WYLER. *Línguas, poetas e bacharéis*: uma crônica da tradução no Brasil, p. 34.

atividade de intérpretes de idiomas indígenas, europeus e africanos. Pois, no caso dos idiomas africanos, as referências à atividade de mediadores são infrequentes.

A partir da segunda metade do século XVI, as funções desempenhadas por estes mediadores foram levemente distorcidas, de modo a se adequarem às novas exigências da corte. A complexificação da estrutura colonial demandava do *língua* participação em outros ofícios. Por sua experiência prévia no trato com os nativos e com seus falares, ele será aceito na armada, receberá patente, bem como ganhará *status* de explorador em expedições oficiais ao interior do país. Assim, o papel inicial de intérprete se dilui, e o antigo *língua* ficará para a posteridade como líder expedicionário, sertanista, bandeirante, ou como distinto conhecedor de geografia e do sertão.

A desvinculação do intérprete de sua função primordial – a tradução – parece ilustrar o início do processo de obscurecimento da atividade tradutória no país. A atribuição de novas tarefas ao tradutor oral, por um lado, louva-o com um prestígio que a simples posição de intérprete não lhe seria capaz de conferir, mas, por outro, desabona a prática tradutória, anunciando-a como uma atividade secundária e acessória.

Tradução escrita

Iniciadas com a implantação de casas doutrinárias, como as jesuíticas, em 1549, as traduções permitidas para circulação eram aquelas de textos religiosos ou doutrinários. No caso da tradução literária, Wyler afirma que “as obras literárias porventura traduzidas na colônia ou eram enviadas à metrópole para serem submetidas ao moroso processo de censura e, por fim, impressas, ou permaneciam sob a forma de precários manuscritos que, em sua maioria, não chegaram aos nossos dias”.⁷

Entretanto, algumas exceções contrariaram as coibições impostas pela corte. Dentre elas destacamos as adaptações de Quevedo e Gôngora feitas por Gregório de Matos, no século XVII; as iniciativas de arcadistas mineiros como Cláudio Manoel da Costa e José Basílio da Gama, que

⁷ WYLER. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*, p. 62-63.

verteram para o português peças e poemas de Pietro Metastasio, tendo sido o primeiro homenageado pelo autor romano com as dedicatórias de uma cantata e de um drama lírico. Para Paes, a tradução teve, entre os árcades mineiros, “o caráter de um exercício de arejamento, de um esforço de emergir dos acanhados e anacrônicos limites do universo mental português para os horizontes bem mais amplos da literatura italiana e francesa”.⁸ Apesar da influência das ideias libertárias enciclopedistas sobre os inconfindentes, foram dois padres da Bahia, membros da sociedade secreta “Cavaleiros da Luz” – provável motivadora da Conspiração dos Alfaiates em 1798 –, que as veicularam clandestinamente em tradução. Traduziram a *Nova Heloísa*, de Rosseau, a *Revolução do tempo passado*, de Volney, além de discursos de Boissy d’Anglas. Essas traduções foram as mais subversivas para o período e, certamente, as de conteúdo menos consentido pela censura portuguesa.

À censura imposta pela corte sobre a produção livresca se associam outros dois problemas inibidores de uma possível expansão da prática tradutória: o sistema educacional da época e a consequente ausência de demanda por traduções. A instalação do governo geral e de casas doutrinárias, como as jesuítas, franciscanas e carmelitas, marcou a elitização e o estrangeiramento do ensino, por um lado, e o analfabetismo em massa, por outro. As elites brasileiras, que até o século XVIII também dominavam o nheengatu, eram formadas sob o mesmo modelo português de ensino, de modo que se educavam em latim, em português e em francês, em voga no período. A situação privilegiada das classes educadas da colônia, de alguma forma, eximia a necessidade de traduções por parte dos leitores brasileiros. Na mesma medida, a condição de iletrados da maior parte da população nulificava qualquer probabilidade de demanda por traduções.

Este quadro se arrastou até as primeiras décadas do século XX, alterando-se somente com as mudanças impostas sobre o modelo de ensino nacional, dentre as quais se destaca o asseguramento da universalização do ensino primário pela Constituição de 1934. Dessa forma, como sugere Wyler, “até quase a segunda metade do século XX a tradução

⁸ PAES. A tradução literária no Brasil, p. 12.

escrita teve predominantemente o caráter de exercício acadêmico ou prazeroso e de ocupação temporária para as elites intelectualizadas”.⁹

A tradução no Brasil após 1808

A transferência da família real para o Brasil em 1808 foi um marco que impactou todas as esferas da vida colonial. Dentre as mudanças implicadas pela chegada do rei, destacamos a fundação da Imprensa Régia, primeira tipografia autorizada instalada em território brasileiro, novidade que estimulou a abertura de outras casas editoriais, e a promulgação da lei de abertura dos portos de janeiro de 1808. O aumento substancial de material publicado, proporcionado pela criação da Imprensa Régia e pela abertura comercial dos portos, dificultou o controle sobre a produção e circulação de textos por parte da censura, expandindo naturalmente as oportunidades para a ampliação da atividade tradutória. O aumento do trânsito de ideias estrangeiras oferecido por essas mudanças fornecia, pela primeira vez em trezentos anos, um ambiente mais propício para o desenvolvimento da tradução no Brasil.

A vinda da corte para o Rio de Janeiro demarca permanências e mudanças sobre a tradução oral. Como vimos, as funções do tradutor oral foram levemente distorcidas desde cedo no período colonial brasileiro. Como permanência, destacamos que a sua capacidade de entender línguas indígenas continuou a lhe render ao longo do século XIX, e mesmo durante alguns anos do século XX, postos públicos relacionados a projetos expansionistas das administrações colonial e republicana.

Tradução oral

Alguns fatores foram fundamentais para o asseguramento das atividades desempenhadas pelo antigo *língua* durante o século XIX, e mesmo posteriormente, no Brasil. Destacamos a nova postura econômica assumida pelo Estado após a chegada da família real, os avanços tecnológicos proporcionados pelas pesquisas científicas desenvolvidas durante a segunda

⁹ WYLER. *Línguas, poetas e bacharéis: Uma crônica da tradução no Brasil*, p. 51.

guerra mundial tanto pelos Aliados quanto pelos países do Eixo e, mais tarde, a profissionalização da atividade de intérprete.

A contínua entrada de africanos pelos portos brasileiros ao longo do século XIX era ainda um importante fator que exigia a presença de intérpretes nos armazéns e depósitos dos cais por onde desembarcavam. Além do mais, com a abertura comercial dos portos, Dom João assinou em fins de 1808 um decreto que estipulava a necessidade de um intérprete para as visitas dos navios estrangeiros que entravam no porto do Rio de Janeiro. Além de confirmar a vocação multifuncional do tradutor oral, este decreto reflete um importante papel desempenhado por ele na atividade econômica do Brasil.

Outra mudança que impactou diretamente o ofício do intérprete brasileiro foi a deflagração da segunda guerra mundial, já que serviços públicos de segurança nacional demandavam um número cada vez maior de tradutores orais para a consecução de suas reuniões e projetos internacionais. Mas, como defende Wyler, "o reflexo mais importante da Segunda Guerra Mundial foi a incorporação à profissão de um avanço tecnológico que equipou o intérprete para ouvir simultaneamente o que é dito pelo orador e traduzi-lo para os participantes de um evento".¹⁰ Trata-se da implementação do uso de audíofones e microfones em eventos internacionais.

Há outros dois eventos que influíram, cada qual a seu modo, sobre a atividade de interpretação. A criação da habilitação de revisor-tradutor-intérprete no curso de bacharelado em Letras da PUC-RJ, na década de 1960, e a fundação da APIC (Associação Paulista de Intérpretes de Conferência) em 1971, que oferecia um contingente de profissionais alinhados aos moldes da AIIC (Associação Internacional de Intérpretes de Conferência) sediada em Genebra. O aval de uma agremiação internacional representa uma informação relevante para o contexto brasileiro, cujas referências culturais dependem diretamente do crivo estrangeiro.

¹⁰ WYLER. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*, p. 45.

Tradução escrita

Nem as mudanças ocasionadas pela transferência da família real para o Rio de Janeiro nem a decisão da Constituinte de 1823 em fixar o português como idioma nacional foram suficientes para a fixação da tradução como uma prática contínua no Brasil. À exceção do trabalho dos tradutores contratados pela administração colonial a partir de 1808, a atividade tradutória prolongou-se timidamente até as duas primeiras décadas do século XX. Como já foi dito, a pequena quantidade de pessoas que sabiam ler e a formação relativamente poliglota recebida pelas elites do país, desde a chegada dos jesuítas, prolongavam o descrédito da atividade tradutória, que permanecia como ofício amplamente desprestigiado no meio intelectual brasileiro.

O esforço solitário de Monteiro Lobato para mudar a situação de descrédito da tradução no Brasil foi notável para as duas primeiras décadas do século passado. Responsável por importantes traduções de autores franceses e anglófonos, Lobato estimulou diretamente o mercado editorial brasileiro, abrindo ao público, em 1919, a Editora Monteiro Lobato. Esta casa ofereceu ao leitor uma expressiva quantidade de títulos compostos sobretudo por novos autores. Assim, Lobato se desdobrava em editor, tradutor e escritor inovador, promotor de uma linguagem apropriadamente brasileira. De acordo com Hallewell:

Ao mesmo tempo que escrevia seus livros para crianças Lobato estimulou outros autores a submeterem originais para publicação, e lançou traduções como a do *The happy prince*, de Oscar Wilde, e versões dos *Contos de fadas* de Grimm, *As viagens de Gulliver*, *Robinson Crusoe* e *Dom Quixote*, baseadas nas traduções anteriores portuguesas publicadas pela Garnier e pela Laemmert, mas com a linguagem cuidadosamente modernizada e abasileirada.¹¹

A insurreição militar de 1924, contudo, forçou Lobato a fechar as portas da editora, passando seu acervo editorial à Editora Nacional, que ainda permanece ativa.¹²

¹¹ HALLEWELL. *O livro no Brasil*, p. 260.

¹² PAES. A tradução literária no Brasil, p. 26.

A iniciativa do autor de *Urupês*, que via na tradução uma oportunidade incomum de abertura e enriquecimento nacional, contrariava os hábitos da maioria dos criadores literários da época, sobre quem as traduções ainda tinham limitada influência. Para a maior parte dos escritores brasileiros, pertencentes às elites intelectualizadas e conhecedores de línguas estrangeiras, as traduções detinham mero valor de “prótese”.¹³ No entanto, o panorama é exatamente inverso no que concerne aos leitores a partir da década de 1930.

O aumento quantitativo e qualitativo do público leitor juntamente com o fortalecimento da atividade editorial durante os anos 1930, de maneira mais contundente encabeçada pela iniciativa inovadora da editora Globo, retiraram definitivamente a tradução escrita do estado marasmático em que atravessou todo o período colonial e o início da República. Henrique Bertaso, então dono da editora Globo, e o jovem escritor Érico Veríssimo passaram a publicar, cada vez sob mais demanda, ficções traduzidas. Quando a editora começava a publicar seus primeiros romances traduzidos, Veríssimo lembra que os critérios de escolha dos tradutores não eram muito rígidos, e ironiza: “[Bertaso] Começou a publicar os romances [...] usando dos tradutores que lhe apareciam, pois quem não tem *tradutore* de verdade, caça com *traditore*. E como apareciam *traditori* naquela época!”¹⁴

A iniciativa da editora Globo logo atraiu a atenção de outros, como a Athena Editora e a José Olympio que disponibilizou para o público brasileiro, afora clássicos menores da literatura inglesa, traduções de importantes títulos russos. Apesar da oferta de vários títulos inéditos pertencentes a universos literários distintos do francês, largamente dominante, a relevância principal da editora José Olympio em termos de história da tradução reside em sua prática de contratação de escritores profissionais para assegurar a qualidade das traduções. Compensatoriamente, isto implicava maior aceitação das obras pelo público e números mais robustos para os cofres da editora.¹⁵

¹³ ECO. *Como se faz uma tese*.

¹⁴ VERÍSSIMO. *Um certo Henrique Bertaso*: pequeno retrato em que o pintor também aparece, p. 27.

¹⁵ HALLEWELL. *O livro no Brasil*, p. 374.

Se em 1934, ano de sua inauguração, a José Olympio contava com seis traduções entre as 32 edições publicadas naquele ano, isto é, 15% do total da produção; em 1944 os gráficos da casa registraram 67 traduções no total de 125 publicações, contabilizando 54% de todo o material editado. Hallewell associa este notável crescimento, que não se restringiu à José Olympio, principalmente à guerra, que deslocou a atenção dos brasileiros para os eventos na Europa. “Com a deflagração da segunda grande guerra na Europa, sobreveio uma clara mudança. Não apenas cresceram o número e a proporção de títulos traduzidos como diminuíram os títulos brasileiros em primeira edição”.¹⁶

A ampliação do mercado editorial brasileiro, o interesse nacional pelos acontecimentos estrangeiros, além do desenvolvimento industrial e tecnológico do país na Era Vargas favoreceram e obrigaram a maior circulação de material traduzido. Desse modo, a atividade tradutória atingiu seu período áureo no Brasil durante as décadas de 1940 e 1950. As novas exigências culturais e econômicas do país consolidaram a tradução como prática laboral, desvinculando-a definitivamente de sua imagem de “instante de gozo” fruído até então por parcelas das elites intelectualizadas.

A necessidade de traduções técnicas e científicas crescia ao mesmo tempo em que o tradutor se profissionalizava. O plano de governo do presidente eleito Juscelino Kubitschek, baseado em implementações industriais e infra-estruturais que acelerassem o processo de modernização do país, demandava importação de tecnologias e profissionais estrangeiros. Da mesma forma, como aponta Wyler, “exigia também um grande número de tradutores para tornar inteligíveis as toneladas de livros de referência, manuais e catálogos de peças indispensáveis à consecução dessas metas”.¹⁷ Além do mais, o aumento progressivo do contingente de estudantes universitários entre as décadas de 1960 e 1980 assegurava o consumo livresco e, conseqüentemente, o de materiais traduzidos. Os dados reunidos por Hallewell consubstanciam a evolução do mercado de traduções entre 1956 e 1980, período em que foram publicados mais de 40.000 títulos traduzidos no Brasil.¹⁸

¹⁶ HALLEWELL. *O livro no Brasil*, p. 373.

¹⁷ WYLER. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*, p. 137.

¹⁸ HALLEWELL. *O livro no Brasil*, p. 578.

Além de publicações de traduções, floresceram também neste período as produções sobre a prática tradutória. Destaca-se, por exemplo, o trabalho pioneiro do tradutor, ensaísta e poeta húngaro, posteriormente naturalizado brasileiro, Paulo Rónai, intitulado *Escola de tradutores*, de 1952. Neste livro inaugural da crítica tradutória brasileira, Rónai procura, através de pequenos ensaios, não somente delimitar as principais dificuldades enfrentadas pelo tradutor em seu dia-a-dia de trabalho, mas também estabelecer paralelos entre a tradução e a arte. Para ele, a impossibilidade teórica da tradução literária confirmaria o estatuto artístico da tradução, já que o tradutor, assim como qualquer outro artista, deseja sempre exprimir o inexprimível, ou mais propriamente, traduzir o intraduzível.¹⁹ Assim, o tradutor é o artista que procurará transpor através do texto escrito todo o intangível material fanopéico e melopéico que a escrita normalmente carrega consigo.

Paulo Rónai reconhecia no amigo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, em suas traduções de Baudelaire, o mesmo artista-tradutor que via em Baudelaire, nas traduções que este fizera de Poe. Poucos sabem que este renomado lexicógrafo era também tradutor. O modo paciente e cuidadoso pelo qual Buarque de Holanda verteu do francês os *Poemas em prosa* de Baudelaire merece, segundo Rónai, atenção muito especial. Eis o que ele escreve:

Outros que não eu, mais sensíveis ao número da língua, criados dentro do seu gênio, poderão dizer melhor quanto o tradutor conseguiu recriar a atmosfera mágica do original; por mim, faço questão sobretudo de assinalar como a tradução brasileira foi feita e como o raro fenômeno de dedicação de Baudelaire à memória de Poe se está reproduzindo entre nós em relação ao próprio Baudelaire.²⁰

Além de seu trabalho marcante como tradutor e crítico da tradução, o poeta húngaro contribuiu significativamente para o reconhecimento público do trabalho do tradutor no Brasil. A tradução passou a ser reconhecida como uma profissão liberal somente em 1988,²¹ graças aos

¹⁹ RÓNAI. *Escola de tradutores*, p. 9-10. Ver também, de Walter Benjamin, o ensaio "A tarefa do tradutor".

²⁰ RÓNAI. *Escola de tradutores*, p. 73.

²¹ Portaria n. 3.264, de 27 de setembro de 1988, publicada no Diário Oficial da União em 3 de outubro de 1988.

esforços da Abrates (Associação Brasileira de Tradutores), fundada por Paulo Rónai em 1974, e de outros órgãos ligados à tradução, como as ATPs (Associações dos Tradutores Públicos). A regulamentação da atividade todavia não serviu para a consolidação de cursos universitários específicos para a formação dos profissionais tradutores. A maior parte das graduações temáticas em tradução existentes no país entre as décadas de 1960 e 1990 não vingou, de modo que as instituições que as ofereciam ou transformaram os estudos tradutórios em habilitação do curso de Letras, como é o caso da UFMG, em que funcionam, desde 2008, as ênfases em Edição e em Tradução no Bacharelado em Letras, ou passaram a oferecer cursos em nível de pós-graduação.

Referências

- BARRENTO, João (Trad.). A tarefa do tradutor. In: BRANCO, Lucia Castello (Org.). *A tarefa do tradutor de Walter Benjamin*: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. p. 82-98. (Cadernos Viva Voz)
- ECO, Humberto. *Como se faz uma tese*. 2. ed. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio L. Oliveira. São Paulo: T.A. Queiroz; USP, 1985.
- HOUAISS, Antônio. *O português no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1992.
- MESCHONNIC, Henri. A Europa das traduções é antes a Europa do apagamento das traduções. In: _____. *Poética do traduzir*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010. p. XXXIX-LXIV.
- RÓNAI, Paulo. *Escola de tradutores*. 2 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.
- PAES, José Paulo. A tradução literária no Brasil. In: _____. *Tradução: a ponte necessária; aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Ática, 1990.
- SELLIGMANN-SILVA, Márcio. Globalização, tradução e memória. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, UFSC, v. 1, n. 4, p. 151-166, 1999.
- VERÍSSIMO, Érico. *Um certo Henrique Bertaso*: pequeno retrato em que o pintor também aparece. Porto Alegre: Globo, 1973.
- WYLER, Lia. *Línguas, poetas e bacharéis*: uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

A arte nas traduções mineiras

Janes Mendes Pinto

À parte qualquer pretensão de definir ou discutir um conceito sabidamente complexo e polêmico, impõe-se, talvez por isto mesmo, estabelecer, antes de mais nada, os limites do tema a que se refere o objeto deste levantamento bibliográfico sobre traduções de obras sobre arte editadas em Minas Gerais. Como *obras sobre arte* estarão sendo aqui consideradas todas as produções bibliográficas, inclusive catálogos e biografias, de interesse direto de estudiosos e pesquisadores de teoria da arte, crítica de arte, história da arte, técnicas artísticas, artistas plásticos e visuais. E dentro desse universo de publicações sobre arte, interessam-nos aquelas que foram realizadas em Minas e que envolvem alguma atividade de tradução.

Uma busca orientada por esses parâmetros em diversos catálogos de bibliotecas, editoras e livrarias¹ possibilitou a identificação de 36 títulos, 8 editoras e 37 tradutores, que se encontram dispostos no Quadro 1.

Editoras e edições, tradutores e traduções

Independentemente de qualquer reflexão mais detida, um detalhe chama de imediato a atenção: não foram encontrados resultados anteriores a

¹ Catálogos *online*: Biblioteca da UFMG; Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa; Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; Biblioteca da Fundação Getúlio Vargas; Biblioteca Brasileira da UFRJ; PORBASE (Base Nacional de Dados Bibliográficos – BNP e mais 170 bibliotecas portuguesas); WorldCat, (OCLC Online Computer Library Center, Inc.- Dublin); HATHITRUST Digital Library; BIBLIO1; LIVREIROONLINE; Googlebooks.

1959, o que se justifica pelo fato de que, como afirma Hallewell,² em virtude da forte polaridade exercida pelo eixo Rio-São Paulo, Minas Gerais só veio a ter a sua primeira editora – a Livraria Itatiaia Editora – na década de 1950. A mesma informação se encontra, de modo mais preciso, em Matarelli,³ que reproduz o texto de apresentação do *site*⁴ da Editora, em 2008, segundo o qual a Itatiaia, a mais antiga editora de Minas, foi fundada em 1954.

O pioneirismo da Itatiaia é perceptível, também, numa visão geral dos resultados: nas décadas de 1960, 70 e 80, todas as obras encontradas e pertinentes ao nosso tema são publicações da Editora Itatiaia. Somente na década de 1990 começam a aparecer as publicações da Editora UFMG e, depois de 2000, as de outras editoras – Editora C/ Arte, Grupo Editorial Autêntica (Autêntica, Gutenberg e Nemo), e Fino Traço –, além de trabalhos que trazem indicadas como editoras instituições de outra natureza – Instituto Estrada Real e Secretaria de Estado da Cultura.

No que diz respeito à Itatiaia, não se trata, nem nunca se tratou, de uma empresa especialmente dedicada à publicação de trabalhos sobre arte e sua forte presença nos resultados de nossa busca se deve, principalmente, a uma de suas coleções – Reconquista do Brasil –, que abordaremos mais detalhadamente mais adiante.

Quanto à Editora UFMG, cujo projeto editorial tem como objetivos a “difusão do conhecimento científico desenvolvido nas mais diversas áreas de pesquisa da instituição, bem como a edição de obras de autores nacionais ou estrangeiros que tenham relevância para o meio acadêmico”,⁵ sua atividade na área está bem representada na nossa busca, tanto pelo número de obras publicadas (7 títulos), quanto pelo peso teórico e cultural das obras traduzidas. Coerentemente, os responsáveis por essas traduções são em sua maioria professores universitários, e principalmente da UFMG: Cleonice P. B. Mourão (MG), Consuelo F. Santiago (MG), Eunice Galéry (MG), Maria Juliana Gambogi Teixeira (MG), Natália Giosa

² HALLEWELL. *O livro no Brasil: sua história*, p. 622-623.

³ MATARELLI. Panorama da edição de livros em Minas Gerais: de 1806 aos dias atuais. In: MATARELLI & QUEIROZ (Org.). *Editoras mineiras: panorama histórico*. v. 1, p. 19.

⁴ Atualmente inativo.

⁵ PIRES & outros. Editora UFMG: compromisso com a difusão do conhecimento científico. In: QUEIROZ (Org.). *Editoras mineiras: panorama histórico*. v. 2, p. 65.

Fujita (SP), Laura Hosiasson (SP), Lyslei Nascimento (MG), Miriam Volpe (MG), Laura Taddei Brandini (SP-PR), Fernando R. de Moraes Barros (CE). Merece destaque o hoje clássico *Os cinco paradoxos da modernidade*, de Antoine Compagnon, tradução de Cleonice P. B. Mourão, Consuelo F. Santiago e Eunice Galéry, com duas edições e duas reimpressões.



Figura 1 - As duas edições de *Os Cinco paradoxos da modernidade*, de Antoine Compagnon, da Editora UFMG: à esquerda a primeira, de 1996, e à direita a segunda, de 2010. Exemplares pertencentes à Editora.

A Editora C/Arte, criada em 1989, esta sim, é uma empresa histórica e preferencialmente voltada para a pesquisa, edição de livros e organização de eventos relativos exatamente ao tema de nossa busca; no entanto, seu compromisso com a divulgação da produção cultural local explica sua presença modesta nos resultados, que se referem a traduções. Os dois títulos encontrados são assinados por duas tradutoras mineiras e uma paulista: Márcia Arbex (MG), Maria Juliana Gambogi Teixeira (MG) e Izabel Murat Burbridge (SP).

A Autêntica Editora, nascida em 1997 como uma editora direcionada para as ciências humanas e para o público acadêmico, tornou-se em 2011 um grupo – o Grupo Editorial Autêntica – cuja marca é a diversidade. Participa dos nossos resultados com três publicações, cujos tradutores não são mineiros: Tomaz Tadeu (RS), Soraia Maciel Moulis (SC) e Eliza Nazarian (SP).

A Editora Fino Traço (designação adotada a partir de 2011 pela antiga Editora Argumentvm) contribui para os resultados com apenas uma – mas respeitável – publicação: *O patrimônio em questão*: antologia

para um combate, de Françoise Choay, traduzido do francês por João Gabriel Alves Domingos (MG), em 2011.

Os dois títulos editados pela Secretaria de Estado da Cultura e pelo Instituto Estrada Real são peças de promoção institucional e turística, produzidas em português, mas destinadas também ao público estrangeiro e, por isto, traduzidas para outras línguas: um, para o francês, por Cleonice Paes Barreto Mourão (MG), e o outro, para o inglês e o espanhol, por Alfredo Rodriguez.

Estas não são as únicas editoras em atividade em Minas; no entanto, das demais não foram encontradas, nas nossas fontes, publicações que correspondessem ao tema em estudo. Chama a atenção, aqui, o fato de que as editoras mineiras presentes nos resultados não demonstram predileção especial pelos profissionais locais, que compartilham o mercado de trabalho com os de outros estados. Afinal, dos 37 tradutores identificados, apenas 15 são mineiros ou radicados em Minas.⁶

A Itatiaia e a “Reconquista do Brasil”

Além de reinar absoluta na publicação de traduções sobre arte no mercado mineiro nas décadas de 1960 a 80, a Editora Itatiaia é responsável por 21 dos 37 títulos encontrados como resultado global de nossa busca. Essa forte presença se deve principalmente, como já dito, à Coleção Reconquista do Brasil, iniciativa de cunho historiográfico levada a cabo em parceria com a Editora da Universidade de São Paulo, uma espécie de resgate bibliográfico da formação e do desenvolvimento da identidade nacional. Uma extensa coleção que se iniciou em 1973 e, ao longo de três décadas, chegou a atingir 306 volumes, abrangendo temas como história, geografia, fauna e flora, etnografia, folclore etc.⁷ e, entre eles, os relatos dos antigos viajantes estrangeiros que, em muitos casos, eram desenhistas ou pintores, ou traziam em suas comitivas artistas encarregados de registrar a paisagem e os costumes brasileiros. Estes são majoritariamente os títulos da coleção que interessam a este estudo,

⁶ Segundo informações esparsas na *web*.

⁷ SERRANO. *Historiografia brasileira a partir da coleção Reconquista do Brasil*, p. 1.

por se relacionarem com produção artística e por envolverem atividade tradutória, conforme se vê no Quadro 2.

Segundo Hallewell,

Em 1973, foi iniciada a coleção "Reconquista do Brasil", publicada em coedição com a Edusp (160 volumes até 1984), que abrangia ainda reedições, em tradução, de relatos de antigos viajantes, alguns dos quais haviam sido lançados, nos anos de 1940, pela Martins, na "Biblioteca Histórica Brasileira".⁸

Ao que tudo indica, a coleção Reconquista do Brasil teve origem na aquisição por parte da Itatiaia do acervo da Editora Martins,⁹ que se encontrava na época em processo de liquidação, acervo que incluía a Biblioteca Histórica Brasileira. Mas, a julgar pela amostra que obtivemos, a coleção Reconquista do Brasil incluía, além dos itens do acervo da Martins, reedições de títulos da coleção Brasileira, publicados pela Companhia Editora Nacional, na década de 1930, assim como edições originais (inclusive traduções).

E tudo indica também que a Itatiaia considerava a coleção Reconquista como uma autêntica continuação da Biblioteca Histórica Brasileira. Tomemos o caso da tradução de Sérgio Milliet para *Viagem pitoresca através do Brasil*, de Johann Moritz Rugendas. Dela encontramos uma oitava edição datada de 1979, o que poderia parecer fruto de algum equívoco – oito edições em menos de seis anos? – caso a mesma informação não estivesse registrada em diversos catálogos.¹⁰ O que parecia absurdo passou a fazer sentido quando encontramos uma sétima edição, de 1976, pela Livraria Martins Editora, em parceria com o Instituto Nacional do Livro: a edição de 1979 seria a oitava edição brasileira, mas a primeira pela Itatiaia.

⁸ HALLEWELL. *O livro no Brasil: sua história*, p. 623.

⁹ SANTOS. Editora Itatiaia: a velha guarda da edição nacional, In: MATARELLI & QUEIROZ (Org). *Editoras mineiras: panorama histórico*. v. 1, p. 42.

¹⁰ Registre-se, aqui, que nos títulos da Itatiaia pesquisados, a informação quanto à edição raramente está presente.

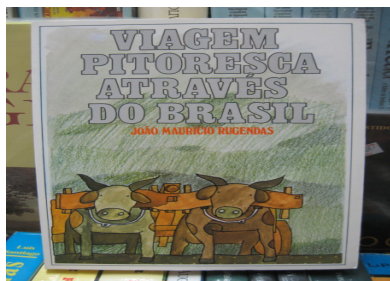
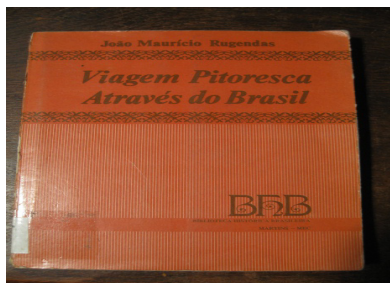


Figura 2 - *Viagem pitoresca através do Brasil*, de Rugendas, tradução de Sérgio Milliet: acima, à esquerda e à direita, a terceira e a sétima edições, na Biblioteca Histórica Brasileira; abaixo, a oitava edição, na Reconquista do Brasil. As duas primeiras obras fotografadas pertencem ao acervo da Biblioteca Pública Estadual Luís de Bessa; a terceira, à Livraria e Sebo Horizonte.

A propósito de parcerias, a experiência de coedição representada pela coleção Reconquista – a exemplo de outras editoras – constituiu, no dizer de Plínio Martins Filho¹¹ “[...] um claro favorecimento à editora particular em detrimento da editora universitária pública”, fruto de uma visão equivocada que entendia competir às editoras públicas testar a aceitação dos autores pelo mercado, abrindo caminho para os empreendimentos privados. Não se tratava, segundo o autor, de coedição, mas de financiamento público dissimulado: a Edusp, após opinar na escolha da obra, comprava e pagava antecipadamente 30% da tiragem, financiando, dessa forma, toda a edição.¹²

¹¹ Atual Diretor-Presidente da Editora da Universidade de São Paulo.

¹² Cf. MARTINS FILHO; ROLLEMBERG. *Edusp*: um projeto editorial, p. 33-36.

Os tradutores da Itatiaia

Examinando novamente o Quadro 2, pode-se constatar que os tradutores dos títulos da Itatiaia que compõem nossa amostra se distribuem claramente em dois grupos. Um primeiro grupo seria o composto pelos responsáveis por traduções reeditadas pela editora mineira, as quais, na verdade, tinham sido efetivamente realizadas para outras editoras ou instituições nas décadas de 1930, 40, 50. Alguns de seus autores eram – ou vieram a ser – figuras importantes no cenário intelectual brasileiro, mas não são mineiros nem exerceram a atividade tradutória para publicação por alguma editora mineira; sua relação com a história da edição e da tradução em Minas (mais especificamente da Editora Itatiaia) é apenas circunstancial. São eles: Guiomar de Carvalho Franco (SP), Cláudio Brandão (RJ), Solena Benevides Viana (jornalista – RJ), Sérgio Milliet (escritor, crítico de arte, sociólogo, professor, pintor – SP), A. Raymundo Schneider (sacerdote – RS), Gastão Penalva (militar, romancista, poeta, jornalista, historiador, autor e crítico de teatro – RJ), Lúcia Furquim Lahmeyer (RJ?), Eurico Santos (agrônomo e botânico – RJ), Américo Jacobina Lacombe (advogado, professor, historiador, ensaísta, membro da ABL – RJ).

O segundo grupo seria o dos autores de traduções inéditas, publicadas em primeira mão pela Itatiaia, sem o recurso à reedição. Podemos classificá-lo como aquele (ou parte dele) que se encontrava em atividade em Minas nas décadas de 1960 a 80, prestando serviços de tradução para a Editora Itatiaia (e, possivelmente, para outras editoras): Pierre Santos (professor, historiador e crítico de arte, poeta, ensaísta – MG), Jorge Affonso R. de Rezende Alves (advogado, funcionário público – MG), João Etienne Filho (professor, escritor, jornalista, crítico literário, ator, crítico e diretor de teatro – MG), Milton Amado (jornalista, publicitário – MG), Eugênio Amado (funcionário público, escritor – MG), Jamil Almansur Haddad (médico, poeta, crítico literário, ensaísta, historiador, autor e crítico de teatro – SP),¹³ David Jardim (funcionário público – MG), Regina Régis Junqueira (exclusivamente tradutora – MG).

¹³ Apesar de não ser mineiro, Jamil Almansur Haddad foi incluído neste grupo porque não foram encontrados indícios de que a tradução de sua autoria publicada pela Itatiaia em 1976 (EWBANK, Thomas. *Vida no Brasil*) tenha sido uma reedição de tradução já existente. Foi encontrada uma edição anterior da mesma obra em outra tradução (Rio de Janeiro: Conquista, 1973), cujo autor, Homero de Castro Jobim, afirma ser a primeira em língua portuguesa.

Deste segundo grupo destacamos a figura de Regina Regis Junqueira, a única atuando exclusivamente como tradutora, de quem trataremos a seguir.

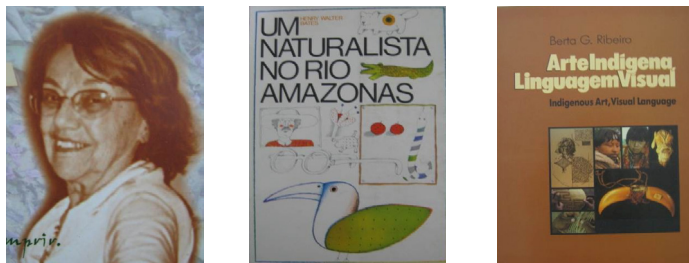


Figura 3 - Regina Regis Junqueira e dois de seus trabalhos para a coleção Reconquista do Brasil: *Um naturalista no rio Amazonas*, de Henry Walter Bates, e *Arte Indígena, linguagem visual*, de Berta Ribeiro. Itens do arquivo particular da família de Regina Regis Junqueira.

Regina Régis Junqueira (1919-2008)

Filha de um diretor escolar e de uma professora de francês, Regina Coeli Regis Junqueira nasceu em São João Nepomuceno (MG), em 20 de março de 1919 e passou a infância em diversas cidades mineiras, seguindo o roteiro das transferências de trabalho de seu pai. Essa mesma circunstância familiar conduziu-a, no início da década de 1930, ao Rio de Janeiro, onde não retornou à escola formal, que havia frequentado apenas até a quarta série do ensino fundamental.

No entanto, em casa encontrou o ambiente favorável ao desenvolvimento de suas habilidades com a escrita e as línguas. Sozinha aprendeu inglês, francês e espanhol, nos livros e jornais que integravam o material de trabalho de seus pais. Veio dessa época sua preferência pela leitura das obras nas línguas em que foram produzidas, sempre que possível. Mais tarde, já profissional experiente, chegou a frequentar a Cultura Inglesa, mais como uma forma de ratificar sua habilitação, uma vez que seus conhecimentos de inglês só não eram maiores que seu domínio da língua portuguesa.

Aos dezesseis anos, começou a trabalhar como secretária na Seguradora Novo Mundo, que, muito curiosamente, publicava uma revista literária, e ali lhe permitiam a publicação esporádica de pequenas matérias. Foi então que começou a se ensaiar como tradutora de literatura, mas ainda sem publicar. Sua primeira tradução publicada foi assinada em parceria com Valdemar Cavalcanti,¹⁴ e saiu pela Editora O Cruzeiro, em 1945 (*Trio*, de Dorothy Baker).

Na década de 1940, ao casar-se com um médico mineiro, Dr. Júlio de Abreu Junqueira, voltou a residir em Minas, dessa vez em Belo Horizonte, onde nasceram seus três filhos, e onde conheceu Pedro Paulo Moreira e a Editora Itatiaia, relações que cultivou, pessoal e profissionalmente, enquanto viveu. Assim que lhe permitiram as responsabilidades de mãe, reiniciou as atividades profissionais, traduzindo principalmente para a Itatiaia e a Civilização Brasileira. Quase quarenta anos de produção ininterrupta, em que, além de literatura, traduziu de tudo: trabalhos teóricos, artigos acadêmicos, biografias, prospectos científicos, manuais técnicos. A grande maioria, do inglês para o português. A indicação da obra era uma prerrogativa da editora, não uma escolha da tradutora, que apenas nos tempos de “vacas gordas” se dava o luxo de recusar algum trabalho menos interessante.

Seu método de trabalho se caracterizava pela pesquisa e pela dedicação intensa, noites a dentro debruçada sobre sua máquina de datilografia e seus dicionários. Não utilizava outras traduções como referência, e não lhe agradavam as traduções indiretas. Mais ao final da carreira, na década de 1990, após ter traduzido para a Itatiaia uma coletânea dos contos de Perrault, uma proposta da Editora Dimensão lhe trouxe a oportunidade de participar de duas coleções de literatura infanto-juvenil. E nessa mesma década, a própria Itatiaia começou, segundo Matarelli,¹⁵ a investir fortemente em literatura infantil, com três coleções específicas, sob o selo Villa Rica. A importância do papel de Regina Regis na viabilização desse projeto está manifesta na realização de 14 (pelo menos)

¹⁴ Valdemar Cavalcanti (1912-1982): jornalista, escritor, crítico literário e tradutor alagoano radicado no Rio de Janeiro.

¹⁵ MATARELLI. Panorama da edição de livros em Minas Gerais: de 1806 aos dias atuais. In: MATARELLI & QUEIROZ (Org.). *Editoras mineiras*: panorama histórico. v. 1, p. 42.

adaptações para a coleção Biblioteca de Ouro – Contos Clássicos, dedicada aos contos clássicos da tradição europeia, em formato infantil, muitas delas em parceria com David Jardim.

A proeminência do trabalho de Regina Regis Junqueira na história da tradução em Minas se evidencia, de um lado, pelo volume impressionante de sua produção e, de outro, pela relevância cultural de muitas das obras que traduziu:

- 1945 – *Trio* (do inglês), romance de Dorothy Baker, pela Editora O Cruzeiro, Rio de Janeiro;
- 1962 – *O elo distenso* (do inglês), romance de Daphne du Maurier, pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte;
- 1962 – *O segredo do Reino* (da tradução para o inglês), romance de Mika Waltari, pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte;
- 1962 – *O espinheiro de Arimateia* (do inglês), romance de Frank G. Slaughter, pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte;
- 1963 – *Como se faz um Presidente da República*, (do inglês) de Theodore Harold White, pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte;
- 1964 – *Tudo pode acontecer* (do inglês), de George Papashvily e Helen Papashvily, pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte;
- 1964 – *Rios prisioneiros, a história das barragens* (do inglês), de Allan H. Cullen, pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte;
- 1965 – *Em busca do reino* (do inglês), romance de Hertha Ernestine Pauli, pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte;
- 1966 – *Onde começa a aventura: a formação da primeira fronteira americana - 1754-1774* (do inglês), de Dale van Every, pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte;
- 1966 – *O amor é eterno: um romance sobre Mary Todd e Abraham Lincoln* (do inglês,) de Irving Stone, pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte;
- 1969 – *A mulher do tenente francês* (do inglês), romance de John Fowles, pela Editora Record, Rio de Janeiro.
- 1969 – *Aqueles que amam* (do inglês), romance de Irving Stone, pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte;
- 197- – *História do movimento operário, das origens às revoluções de 1848* (do espanhol), de Alberto Pia, pela Editora Veja, de Belo Horizonte;
- 1970 – *O Espião do passado* (do inglês), romance de Daphne du Maurier, pela Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro;
- 1970 – *O casal* (do francês), de Suzanne Lilar, pela Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro;
- 1971 – *A hora da decisão* (do francês), de Bernard Clavel, pela Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro;
- 1971 – *Moral sem pecado* (do francês), de Angelo Hesnard, pela Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro;
- 1972 – *A infelicidade dos ricos* (do francês), de Michel de Saint-Pierre, pela Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro;

- 1973 – *A última folha* (do inglês), conto de O. Henry, pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte;
- 1975 – *Eva e Adolf*: o trágico romance de Adolf Hitler e Eva Braun (do inglês), de Glenn B. Infield, pela Editora Civilização brasileira, Rio de Janeiro;
- 1975 – *A selva amazônica*: do inferno verde ao deserto vermelho? (do inglês) de Robert J. A. Goodland e Howard S. Irwin, em coedição pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte, e pela Edusp, São Paulo (Reconquista do Brasil);
- 1975 – *Viagem às nascentes do Rio São Francisco* (do francês), de Auguste de Saint-Hilaire, em coedição pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte, e pela Edusp, São Paulo (Reconquista do Brasil);
- 1975 – *Viagem à Província de Goiás* (do francês), de Auguste de Saint-Hilaire, em coedição pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte, e pela Edusp, São Paulo (Reconquista do Brasil);
- 1976 – *Viagem à Província de São Paulo* (do francês), de Auguste de Saint-Hilaire, em coedição pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte, e pela Edusp, São Paulo (Reconquista do Brasil);
- 1976 – *Casamentos e infidelidades*: casamento sagrado (do inglês: *Marriages and infidelities*), de Joyce Carol Oates, pela Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro;
- 1977 – *Problemas de geometria analítica* (da tradução para o inglês), de David Viktorovich Kletenik, pela Cultura Brasileira, Belo Horizonte;
- 1977 – *Casamentos e infidelidades*: a cebola feliz (do inglês), de Joyce Carol Oates, pela Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro;
- 1978 – *Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina* (do francês), de Auguste de Saint-Hilaire, em coedição pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte, e pela Edusp, São Paulo (Reconquista do Brasil);
- 1978 – *A casa na praia* (do inglês), romance de Daphne du Maurier, pela Editora Edibolso, São Paulo;
- 1979 – *Conhecimento público* (do inglês), de John Ziman, em coedição pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte, e pela Edusp, São Paulo;
- 1979 – *Um naturalista no Rio Amazonas* (do inglês), de Henry Walter Bates, em coedição pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte, e pela Edusp, São Paulo (Reconquista do Brasil);
- 1980 – *O cavalo* (da tradução para o inglês – tradução e adaptação), de Gregor Romaszkan, e João Francisco Diniz Junqueira, pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte;
- 1981 – *Brincando de Deus*: a engenharia genética e a manipulação da vida (do inglês), de June Goodfield, pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte;
- 1984 – *O Coração das trevas* (do inglês), romance de Joseph Conrad, pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte;
- 1985 – *Notícias do Brasil* (do inglês), de Robert WALSH, Robert, em coedição pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte, e pela Edusp, São Paulo (Reconquista do Brasil);
- 1985 – *Contos de Perrault* (do francês), de Charles PERRAULT, pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte;
- 1989 – *Arte indígena, linguagem visual/ Indigenous art, visual language* (para o inglês) de Berta Ribeiro, em coedição pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte, e pela Edusp, São Paulo (Reconquista do Brasil);
- 1997 – *Mergulha, Leo!* (do francês), de Beatriz Corso Magdalena e Émile Cholat (ilustr.), pela Editora Dimensão, Belo Horizonte (Estrela Cadente);
- 1997 – *O Bravo Capitão Guga* (do francês), de Odille Hellmann-Hurpoil e François Turil (ilustr.),

pela Editora Dimensão, Belo Horizonte (Estrela Cadente);

1997 – *Um elefante... é impressionante!* (do francês), de Geneviève Laurencin e Hervé Blondon (ilustr.), pela Editora Dimensão, Belo Horizonte (Estrela Cadente);

1997 – *Vovô resmungão* (do francês), de Beatriz Corso Magdalena e Dominique Corbasson (ilustr.), pela Editora Dimensão, Belo Horizonte (Estrela Cadente);

1997 – *Que amor de jacaré!* (do francês), de Geneviève Noël e Rémi Saillard (ilustr.), pela Editora Dimensão, Belo Horizonte (Estrela Cadente);

1997 – *Um Príncipe para Lila* (do francês), de Natalie Zimmermann e Suppa (ilustr.), pela Editora Dimensão, Belo Horizonte (Estrela Cadente);

1997 – *Os seis criados*, de Wilhelm Grimm e Jacob Grimm, adaptação de Regina Regis Junqueira, pela Editora Villa Rica, Belo Horizonte (Biblioteca de Ouro - Contos Clássicos);

1997 – *A galinha dos ovos de ouro*, adaptação de Regina Regis Junqueira e David Jardim Junior, pela Editora Villa Rica, Belo Horizonte (Biblioteca de Ouro - Contos Clássicos);

1997 – *A bruxa da montanha*, adaptação de Regina Regis Junqueira e David Jardim Junior, pela Editora Villa Rica, Belo Horizonte (Biblioteca de Ouro - Contos Clássicos);

1997 – *Quebra-nozes e os ratos*, adaptação de Regina Regis Junqueira e David Jardim Junior, pela Editora Villa Rica (Biblioteca de Ouro - Contos Clássicos);

1997 – *Rei Midas*, adaptação de Regina Regis Junqueira e David Jardim Junior, pela Editora Villa Rica (Biblioteca de Ouro - Contos Clássicos);

1997 – *João de Ferro*, adaptação de Regina Regis Junqueira e David Jardim Junior, pela Editora Villa Rica (Biblioteca de Ouro - Contos Clássicos);

1997 – *Hansel e Gretel*, adaptação de Regina Regis Junqueira e David Jardim Junior, pela Editora Villa Rica (Biblioteca de Ouro - Contos Clássicos);

1997 – *A mesa, o asno e o bastão mágico*, adaptação de Regina Regis Junqueira, pela Editora Villa Rica (Biblioteca de Ouro - Contos Clássicos);

1997 – *O cavalo voador*, adaptação de Regina Regis Junqueira e David Jardim Junior, pela Editora Villa Rica (Biblioteca de Ouro - Contos Clássicos);

1997 – *Os sapatinhos vermelhos*, adaptação de Regina Regis Junqueira, pela Editora Villa Rica (Biblioteca de Ouro - Contos Clássicos);

1997 – *O gato de botas*, adaptação de Regina Regis Junqueira e David Jardim Junior, pela Editora Villa Rica (Biblioteca de Ouro - Contos Clássicos);

1997 – *A princesa Pirlipat*, adaptação de Regina Regis Junqueira e David Jardim Junior, pela Editora Villa Rica (Biblioteca de Ouro - Contos Clássicos);

1997 – *Joãozinho e os feijões mágicos*, adaptação de Regina Regis Junqueira e David Jardim Junior, pela Editora Villa Rica (Biblioteca de Ouro - Contos Clássicos);

1997 – *O pinheiro maravilhoso*, adaptação de Regina Regis Junqueira e David Jardim Junior, pela Editora Villa Rica (Biblioteca de Ouro - Contos Clássicos);

1998 – *Jornal de Roma* (do inglês), de Andrew Langley, pela Editora Dimensão, Belo Horizonte (Jornais);

1998 – *Jornal da Grécia* (do inglês), de Anton Powell e Angus McBride, pela Editora Dimensão, Belo Horizonte (Jornais);

1998 – *Jornal do Egito* (do inglês), de Scott Steedman e Nicky Cooney, pela Editora Dimensão, Belo Horizonte (Jornais);

2000 – *A metamorfose* (do inglês), novela de Franz Kafka, pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte;

2006 – *A água da vida*, adaptação de Regina Regis Junqueira e David Jardim Junior, pela Editora Villa Rica (Fábulas do Mundo Todo);

2006 – *O traje invisível do rei*, adaptação de Regina Regis Junqueira e David Jardim Junior, pela Editora Villa Rica (Biblioteca de Ouro - Contos Clássicos).

“Poetas e bacharéis”

A edição de traduções em Minas – realizada por profissionais mineiros e publicada por editoras mineiras – desenvolveu-se tardiamente, comparativamente ao eixo Rio-São Paulo, e só se tornou possível no final da década de 1950, após a criação da Editora Itatiaia – os resultados de nossas buscas são coerentes com a já mencionada afirmação de Hallewell, em *O livro no Brasil*.

Ainda assim, a tese defendida por Lia Wyler, em *Línguas, poetas e bacharéis*, referindo-se ao contexto brasileiro em geral,¹⁶ encontra demonstração exemplar nos resultados deste trabalho, pelo menos no que se refere aos dois últimos elementos da tríade: os poetas e os bacharéis. A distribuição cronológica dos tradutores das obras que emergiram em nossas buscas é eloquente nesse sentido: os tradutores eruditos, que predominaram na primeira metade do século XX, foram cedendo lugar, paulatinamente, aos tradutores especialistas na virada para o século XXI; o início da profissionalização desponta nitidamente na década de 1970, muito dignamente representado em terras mineiras por Milton Amado, Eugênio Amado e, principalmente, por Regina Regis Junqueira.

Referências

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos; Lólio Lourenço de Oliveira; Geraldo Gerson de Souza. 2. ed. revisada. São Paulo: Edusp, 2005.

MARTINS FILHO, Plínio; ROLLEMBERG, Marcello. *Edusp: um projeto editorial*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MATARELLI, Julianne. Panorama da edição de livros em Minas Gerais: de 1806 aos dias atuais. In: MATARELLI, Julianne; QUEIROZ, Sônia (Org.). *Editoras mineiras: panorama histórico*. v. 1. 2. ed. revisada. Belo Horizonte: FALE/UFMG, Edições Viva Voz, 2011.

¹⁶ WYLER. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*.

PIRES, Breiller et al. Editora UFMG: compromisso com a difusão do conhecimento científico. In: QUEIROZ, Sônia (Org.). *Editoras mineiras: panorama histórico*. v. 2. Belo Horizonte: FALE/UFMG, Edições Viva Voz, 2009.

SANTOS, Aline Correa dos. Editora Itatiaia: a velha guarda da edição nacional. In: MATARELLI, Julianne; QUEIROZ, Sônia (Org.). *Editoras mineiras: panorama histórico*. v. 1. 2. ed. revisada. Belo Horizonte: FALE/UFMG, Edições Viva Voz, 2011.

SERRANO, Gisella de Amorim. Historiografia brasileira a partir da coleção Reconquista do Brasil. In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena; ARAUJO, Valdei (Org.). *Caderno de resumos & Anais do 4º. Seminário Nacional de História da Historiografia: tempo presente & usos do passado*. Ouro Preto: EduFOP, 2010. Disponível em: <<http://www.seminariodehistoria.ufop.br/ocs/index.php/snhh/2010/paper/view/341/54>> Acesso em 28 dez. 2012.

WYLER, Lia. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

Catálogos online

BIBLIO1. Disponível em: <<http://goo.gl/TNKos>> Acesso em: 29 jan. 2013.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL LUIZ DE BESSA. Disponível em: <<http://200.198.51.243/pergamum/biblioteca/index.php>> Acesso em: 29 jan. 2013.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Biblioteca. Disponível em: <<http://goo.gl/wFvwIG>> Acesso em: 29 jan. 2013.

GOOGLEBOOKS. Disponível em: <<http://goo.gl/Ayu1>> Acesso em: 29 jan. 2013.

HATHITRUST Digital Library. Disponível em: <<http://goo.gl/fSzaR>> Acesso em: 29 jan. 2013.

LIVREIROONLINE. Disponível em: <<http://goo.gl/JBa0hO>> Acesso em: 29 jan. 2013.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://goo.gl/8DC1b0>> Acesso em: 29 jan. 2013.

PORBASE (Base Nacional de Dados Bibliográficos – BNP e 170 bibliotecas portuguesas). Disponível em: <<http://goo.gl/qWUxyg>> Acesso em: 29 jan. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Biblioteca. Disponível em: <<http://goo.gl/bazjd>> Acesso em: 29 jan. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Biblioteca Brasileira. Disponível em: <<http://goo.gl/C3dvrB>> Acesso em: 29 jan. 2013.

WORLDCAT (OCLC Online Computer Library Center, Inc., Dublin). Disponível em: <<http://goo.gl/iNck>> Acesso em: 29 jan. 2013.

Quadro 1: Traduções de obras sobre arte editadas em Minas Gerais

Autor	Título	Tradutor	Idioma	Ed.	Local	Ed./ Coleção	Data
MAUDUIT, J. A.	<i>Quarenta mil anos de arte moderna</i>	Pierre Santos; Jorge Affonso R. Alves	inglês	1. ed.	Belo Horizonte	Itatiaia (Descoberta do Mundo)	1959
MAUDUIT, J. A.	<i>Quarenta mil anos de arte moderna</i>	Pierre Santos; Jorge Affonso R. Alves	inglês	2. ed.	Belo Horizonte	Itatiaia (Descoberta do Mundo)	1961
MAUDUIT, J. A.	<i>Quarenta mil anos de arte moderna</i>	Pierre Santos; Jorge Affonso R. Alves	inglês	3. ed.	Belo Horizonte	Itatiaia (Descoberta do Mundo)	1964
FEUCHTWANGER, L.	<i>Goya</i>	José Geraldo Vieira	alemão	[1. ed. ?]	Belo Horizonte	Itatiaia (Cores do Tempo Passado)	1969
STADEN, H.	<i>Duas viagens ao Brasil</i>	Guiomar de Carvalho	alemão	[1. ed. ?]	Belo Horizonte; São Paulo	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	1974
BARLAEUS, G.	<i>História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil</i>	Cláudio Brandão	latim	[1. ed. ?]	Belo Horizonte; São Paulo	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	1974

Autor	Título	Tradutor	Idioma	Ed.	Local	Ed./ Coleção	Data
POHL, J.E.	<i>Viagem ao interior do Brasil</i>	Eugênio Amado; Miltom Amado	[?]	[1. ed.?.]	Belo Horizonte; São Paulo	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	1976
EWBANK, T.	<i>Vida no Brasil</i>	Jamil Almansur Haddad	inglês	[1. ed.?.]	Belo Horizonte; São Paulo	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	1976
ORBIGNY, A. D.	<i>Viagem pitoresca através do Brasil</i>	David Jardim	francês	[1. ed.?.]	Belo Horizonte; São Paulo	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	1976
MAWE, J.	<i>Viagens ao interior do Brasil</i>	Solena Benevides Viana	inglês	[1. ed.?.]	Belo Horizonte; São Paulo	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	1978
DEBRET, J. B.	<i>Viagem pitoresca e histórica ao Brasil</i>	Sérgio Milliet	francês	[? ed.]	Belo Horizonte; São Paulo	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	1978
DEBRET, J. B.	<i>Viagem pitoresca e histórica ao Brasil</i>	Sergio Milliet.	francês	[? ed.]	Belo Horizonte; São Paulo	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	1989
DEBRET, J. B.	<i>Viagem pitoresca e histórica ao Brasil</i>	Sérgio Milliet	francês	[? ed.]	Belo Horizonte; São Paulo	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	2008

Autor	Título	Tradutor	Idioma	Ed.	Local	Ed./ Coleção	Data
RUGENDAS, J. M.	<i>Viagem pitoresca através do Brasil</i>	Sérgio Milliet	alemão	8. ed.	Belo Horizonte; São Paulo	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	1979
RUGENDAS, J. M.	<i>Viagem pitoresca através do Brasil</i>	Sérgio Milliet	alemão	[? ed.]	Belo Horizonte; São Paulo	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	1980
RUGENDAS, J. M.	<i>Viagem pitoresca através do Brasil</i>	Sérgio Milliet	alemão	[? ed.]	Belo Horizonte; São Paulo	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	1989
RUGENDAS, J. M.	<i>Viagem pitoresca através do Brasil</i>	Sérgio Milliet	alemão	[? ed.]	Belo Horizonte; São Paulo	Ed. Villa Rica (selo da Editora Itatiaia)	1994
RUGENDAS, J. M.	<i>Viagem pitoresca através do Brasil</i>	Sérgio Milliet	alemão	[? ed.]	Belo Horizonte; São Paulo	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	1998
BATES, H. W.	<i>Um naturalista no rio Amazonas</i>	Regina Régis Junqueira	inglês	[1. ed.?.]	Belo Horizonte; São Paulo	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	1979
SEPP, Pe. A.	<i>Viagem às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos</i>	A. Raymundo Schneider	alemão	[1. ed.?.]	Belo Horizonte; São Paulo	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	1980

Autor	Título	Tradutor	Idioma	Ed.	Local	Ed./ Coleção	Data
RIBEYROLLES, C.; FROND, V. (grav.)	<i>Brasil pitoresco: história, descrições, viagens, colonização, instituições</i>	Gastão Penalva	francês	[1. ed.?.]	Belo Horizonte; São Paulo	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	1980
SPIX, J. B.; MAR-TIUS, C. F. P.	<i>Viagem pelo Brasil:</i> 1817-1820	Lúcia Furquim Lahmeyer	latim	[1. ed.?.]	Belo Horizonte; São Paulo	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	1981
DESCOURTILZ, J. T.	<i>Historia natural das aves do Brasil (ornitologia brasileira) notáveis por sua plumagem, canto e hábitos</i>	Eurico Santos	francês	[1. ed.?.]	Belo Horizonte	Itatiaia (Fauna e Flora)	1983
WALSH, R.	<i>Notícias do Brasil</i>	Regina Régis Junqueira	inglês	[1. ed.?.]	Belo Horizonte; São Paulo	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	1985
RIBEIRO, B.	<i>Arte indígena, linguagem visual - Indigenous art, visual language</i>	Regina Régis Junqueira	port.-ingl. bilingue	[1. ed.?.]	Belo Horizonte; São Paulo	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	1989

Autor	Título	Tradutor	Idioma	Ed.	Local	Ed./ Coleção	Data
GRAHAM, M.	<i>Diário de uma viagem ao Brasil</i>	Américo Jacobina Lacombe	inglês	1. ed.	Belo Horizonte; São Paulo	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	1990
COMPAGNON, A.	<i>Os cinco paradoxos da modernidade</i>	Cleonice P. B. Mourão; Consuelo F. Santiago; Eunice Galéry	francês	1. ed.	Belo Horizonte	Editora UFMG (Humanitas)	1996
COMPAGNON, A.	<i>Os cinco paradoxos da modernidade</i>	Cleonice P. B. Mourão; Consuelo F. Santiago; Eunice Galéry	francês	1. ed. 1. reimpr.	Belo Horizonte	Editora UFMG (Humanitas)	1999
COMPAGNON, A.	<i>Os cinco paradoxos da modernidade</i>	Cleonice P. B. Mourão; Consuelo F. Santiago; Eunice Galéry	francês	1. ed. 2. reimpr.	Belo Horizonte	Editora UFMG (Humanitas)	2003

Autor	Título	Tradutor	Idioma	Ed.	Local	Ed. / Coleção	Data
COMPAGNON, A.	<i>Os cinco paradoxos da modernidade</i>	Cleonice P. B. Mourão; Consuelo F. Santiago; Eunice Galéry	francês	2. ed.	Belo Horizonte	Editora UFMG (Humanitas)	2011
GRAHAM, M.	<i>Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina e cartas anexas</i>	Américo Jacobina Lacombe	inglês	1. ed.	Belo Horizonte; São Paulo	Itatiaia, Edusp (Reconquista do Brasil)	1997
GONÇALVES, J. E. (Org.)	<i>Estrada Real: um caminho de história, poesia e beleza</i>	Alfredo Rodríguez	inglês espanhol	[1. ed. ?]	Belo Horizonte	Instituto Estrada Real	2003
COURTINE-DENAMY, S.	<i>O cuidado com o mundo: diálogo entre Hannah Arendt e alguns de seus contemporâneos</i>	Maria Juliana Gambogi Teixeira	francês	[1. ed. ?]	Belo Horizonte	Editora UFMG (Humanitas)	2004
AGUILERA, Y. (Org.)	<i>Preto no branco: a obra gráfica de Amílcar de Castro</i>	Natália Giosa Fujita; Laura Hosiasson	inglês espanhol	[1. ed. ?]	Belo Horizonte; São Paulo	Editora UFMG; Discurso Editorial	2005

Autor	Título	Tradutor	Idioma	Ed.	Local	Ed./ Coleção	Data
SECRETARIA de Estado da Cultura de Minas Gerais	<i>Minas além das montanhas</i>	Cleonice Paes Barreto Mourão	francês	[1. ed. ?]	Belo Horizonte	Secretaria de Estado da Cultura	2005
FORSTER, R.	<i>A ficção marrana: uma antecipação das estéticas pós-modernas</i>	Lyslei Nascimento; Miriam Volpe	espanhol	[1. ed. ?]	Belo Horizonte	Editora UFMG (Babel)	2006
ACHUGAR, H.	<i>Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura.</i>	Lyslei Nascimento	espanhol	[1. ed. ?]	Belo Horizonte	Editora UFMG (Humanitas)	2006
SAMPAIO, M.; ANJOS, I. S.; MELO, J. (Org.)	<i>Jorge dos Anjos: risco, recorte, percurso</i>	Izabel Murat Burbridge	inglês	[1. ed. ?]	Belo Horizonte	C/ ARTE	2010
DUFILHO, J.; TADEU, T. (Org.)	<i>O Pintor da vida moderna: Charles Baudelaire</i>	Tomaz Tadeu	francês	[1. ed. ?]	Belo Horizonte	Autêntica Editora(Mimo)	2010

Autor	Título	Tradutor	Idioma	Ed.	Local	Ed./ Coleção	Data
COMPAGNON, A.	<i>Os antimodernos: de Joseph de Maistre a Roland Barthes</i>	Laura Taddei Brandini	francês	[1. ed. ?]	Belo Horizonte	Editora UFMG (Humanitas)	2011
SHELLING, F. W. J.	<i>Sobre a relação das artes plásticas com a natureza</i>	Fernando R. de Moraes Barros	alemão	[1. ed. ?]	Belo Horizonte	Editora UFMG (Travessia)	2011
ARBEX, M.; VILELA, Y. (Org.)	<i>Universos Paralelos: uma viagem fotoliterária de Michel e Marie-Jo Butor</i>	Márcia Arbex; Maria Juliana Gambogi Teixeira	francês	[1. ed. ?]	Belo Horizonte	C/ ARTE	2011
CHOAY, F.	<i>O patrimônio em questão: antologia para um combate</i>	João Gabriel Alves Domingos	francês	1. ed.	Belo Horizonte	Fino traço	2011
BORGES, M. E. L. (Org.)	<i>Inovações, coleções, museus</i>	Soraia Maciel Mouis	inglês	[1. ed. ?]	Belo Horizonte	Autêntica	2011
DESIGN Museum	<i>Como criar em tipografia</i>	Elisa Nazarian	inglês	1. ed.	Belo Horizonte	Gutenberg (Grupo Autêntica)	2012

Quadro 2: As origens das traduções da Editora Itatiaia

Autor	Título	Tradutor	Ed./ Coleção	Local	Data
MAUDUIT, J. A.	<i>Quarenta mil anos de arte moderna</i>	Pierre Santos; Jorge Affonso R. de Rezende Alves	Itatiaia (Descoberta do Mundo)	Belo Horizonte	1959
FEUCHTWANGER, L.	<i>Goya</i>	José Geraldo Vieira	Gráfica Editora Brasileira	Belo Horizonte	1951
STADEN, H.	<i>Duas viagens ao Brasil</i>	Guiomar de Carvalho Franco	Instituto Hans Staden,	Belo Horizonte; São Paulo	1942
BARLAEUS, G.	<i>História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil</i>	Cláudio Brandão	Ministério da Educação	Belo Horizonte; São Paulo	1940
AGASSIZ, E. L.; AGASSIZ, L.	<i>Viagem ao Brasil: 1865 – 1866</i>	João Etienne Filho	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	Belo Horizonte; São Paulo	1975
POHL, J. E.	<i>Viagem ao interior do Brasil</i>	Eugênio Amado; Miltom Amado	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	Belo Horizonte; São Paulo	1976
EWBANK, T.	<i>Vida no Brasil</i>	Jamil Almansur Haddad	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	Belo Horizonte; São Paulo	1976
ORBIGNY, A. D.	<i>Viagem pitoresca através do Brasil</i>	David Jardim	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	Belo Horizonte; São Paulo	1976
MAWE, J.	<i>Viagens ao interior do Brasil</i>	Solena Benevides Viana	Editora. Zélio Valverde,	Belo Horizonte; São Paulo	1944

Autor	Título	Tradutor	Ed./ Coleção	Local	Data
DEBRET, J. B.	<i>Viagem pitoresca e histórica ao Brasil</i>	Sérgio Milliet	Companhia Editora Nacional (Brasiliiana)	Belo Horizonte; São Paulo	1940
RUGENDAS, J. M.	<i>Viagem pitoresca através do Brasil</i>	Sérgio Milliet	Martins (Biblioteca Histórica Brasileira,)	Belo Horizonte; São Paulo	1941
BATES, H. W.	<i>Um naturalista no rio Amazonas</i>	Regina Régis Junqueira	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	Belo Horizonte; São Paulo	1979
SEPP, Pe. A.	<i>Viagem às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos</i>	A. Raymundo Schneider	Martins (Biblioteca Histórica Brasileira)	Belo Horizonte; São Paulo	1943
RIBEYROLLES, C.;	<i>Brasil pitoresco: história, descrições, viagens, colonização, instituições</i>	Gastão Penalva	Martins (Biblioteca Histórica Brasileira)	Belo Horizonte; São Paulo	1941
FROND, V. (grav.)					
SPIX, J. B.;	<i>Viagem pelo Brasil: 1817-1820</i>	Lúcia Furquim Lahmeyer	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro	Belo Horizonte; São Paulo	1938
MARTIUS, C. F. P.					

Autor	Título	Tradutor	Ed./ Coleção	Local	Data
DESCOURTILZ, J. T.	<i>História natural das aves do Brasil (ornitologia brasileira) notáveis por sua plumagem, canto e hábitos</i>	Eurico Santos	Editora Kosmos	Belo Horizonte	1944
WALSH, R.	<i>Notícias do Brasil</i>	Regina Régis Junqueira.	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	Belo Horizonte; São Paulo	1985
RIBEIRO, B.	<i>Arte indígena, linguagem visual/ Indigenous art, visual language</i>	Regina Régis Junqueira	Itatiaia; Edusp (Reconquista do Brasil)	Belo Horizonte; São Paulo	1989
GRAHAM, M.	<i>Diário de uma viagem ao Brasil</i>	Américo Jacobina Lacombe	Companhia Editora Nacional (Brasiliense)	Belo Horizonte; São Paulo	1956
GRAHAM, M.	<i>Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina e cartas anexas</i>	Américo Jacobina Lacombe	Ministério da Educação e Saúde	Belo Horizonte; São Paulo	1940

Poesia traduzida em Minas: comentários

Priscila Justina

Roberta Martins

A tradução de poesia e os números relativos

Como já sabido, a poesia não é o gênero mais vendido nem o que possui grande demanda de mercado, independentemente da editora.¹⁷ Pesquisar sobre poesia traduzida em Minas inclui, pois, um percalço incômodo já no tema. Primeiramente, o levantamento bibliográfico teve exatamente este impasse: a carência de dados. Em uma busca em dois bancos de dados, a saber, o Sistema de Bibliotecas da UFMG e os *sites* das editoras mineiras listadas no primeiro volume desta coleção, mapeamos apenas vinte e nove livros de poesia traduzidos e publicados em Minas Gerais. Destacam-se, entre as editoras, a Tessitura (seis publicações), a Crisálida (cinco), a Itatiaia (cinco), a Mazza (quatro) e a Editora UFMG (duas). No total de traduções, formaram-se dois grupos. De um lado, as edições publicadas até o ano 2000, e de outro as publicações do século XXI. Confirmando o que Patrícia Fonseca já afirmava a respeito da edição de poesia em Minas, as traduções de poesia também são em maior parte pertencentes ao segundo grupo. Ao todo, as publicações de tradução entre 2001 e 2010 somam em média 72%. Há como exceto, nesse grupo, a publicação de *Poesia completa* de César Vallejo – traduzida pelo carioca Tiago de Mello –, que se trata de uma reimpressão da edição de 1987 feita pela editora Philobiblion. Ainda assim, é bastante considerável

¹⁷ O assunto, com suas controvérsias, já foi bastante discutido no volume desta coleção dedicado à poesia: *Editoras mineiras: o lugar da poesia*, de Patrícia Fonseca e Sônia Queiroz (Orgs.).

o montante de traduções recentes no estado. O crescimento deve-se, em grande parte, à data de surgimento de muitas editoras em Minas. Antes do século 2000, apenas a Itatiaia, a Comunicação, a Vega, a Interlivros e a Miguilim atuavam na publicação de livros no estado.

Outro ponto de contraste entre os grupos do século XX e do século XXI são as línguas de partida das traduções. No primeiro grupo há uma tendência à tradução do/para o francês e também de línguas clássicas. Destacam-se as traduções de Henriqueta Lisboa, que, além de ter seus poemas vertidos ao francês por Hércio Veiga Costa, publicou, ela mesma, traduções do francês ao português e ganhou, em 2001, uma edição com traduções feitas por ela a partir do espanhol, do inglês e do italiano. A diversidade de idiomas começa a ser maior a partir de 2001. Nas dezessete edições apuradas neste período, encontram-se traduções do espanhol, inglês, italiano e da oralidade, além de manter os poetas clássicos gregos e latinos e franceses. A maior variedade de idiomas possibilita também uma maior diversidade literária. Nomes já consagrados da literatura latino-americana, como César Vallejo e Nicolás Guillén, passam pela primeira vez a fazer parte do catálogo de publicações mineiras. É importante notar que, na tradução, é complexo tratar de cânones ou não cânones. Se por um lado traduções de Shakespeare ou Dante poderiam ser consideradas uma preferência canônica do mercado, não se pode dizer exatamente o contrário de uma publicação de Marguerite Duras, por exemplo. Em ambos os casos, o reconhecimento mundial é fator decisivo para que se publique ou não uma tradução. Assim, o que difere Virgílio de François Villon, em termos de venda, pode não ser a tradição nem a data, mas o contexto e tendências que o mercado estiver vivendo. Ambos os autores são largamente vendáveis, para públicos específicos e tempos específicos.

Esse grande grupo de “traduções viáveis” encontra contraponto, em nosso levantamento, nas edições da Mazza, editora voltada à publicação de livros de diversas áreas, mas sempre com atenção especial às culturas e aos autores menos divulgados editorialmente. São da Mazza o *Book of Voices*, tradução para o inglês de poemas sobre o universo cultural afro-brasileiro, da autoria de Edimilson de Almeida Pereira e tradução de Steven F. White, e dois livros de Prisca Agustoni, suíça da região de

Lugona (onde se fala italiano) e radicada em Belo Horizonte, que traduziu seus próprios poemas a partir do português em *Inventrio di voci* e *Sorelle di Fieno*. A Mazza publicou, ainda, uma edição com traduções feitas por Edméia Faria a partir de subgêneros da poesia que persistem essencialmente ligados à oralidade. Edméia recolheu, na região de Pompéu (MG), quadrinhas, cantigas de ninar, toadas de ensino e trava-línguas, entre outros, e os verteu à língua escrita. Apesar de serem poucas, essas publicações (e não apenas elas, acreditamos) indicam o caráter diverso dos temas que a poesia traduzida em Minas tem atualmente.

A tradução no *Suplemento Literário*

A tradução é exercício literário, poético. Para traduzir, o poeta tem de transmutar-se, sentir como outro e deixar em segundo plano a sua própria poesia. É um exercício de desconstrução de si, reconstrução e mescla do poeta em outro poeta para depois, não raro, ser novamente apagado (no que diz respeito à visibilidade do tradutor perante o autor). Sob esse aspecto, o da tradução como exercício poético, o peso do *Suplemento Literário de Minas Gerais* na publicação de tradução de poesia é um acontecimento relevante. O jornal, que sempre teve o objetivo de divulgar a produção feita no estado, já publicou, de 1966 a 2011, 740 poemas traduzidos – entre versões, além das línguas mais encontradas em traduções, do árabe, catalão, croata, polonês, húngaro e turco. Dezenove desses poemas foram publicados mais de uma vez, ora com a mesma tradução, ora com nova, assinada por outro tradutor; constatamos, ainda, a publicação de 33 poemas de treze escritores brasileiros, vertidos para o francês, inglês, alemão, italiano e tupi – o que eleva para 792 o número de publicações de poemas. Levando-se em conta o ano em que o jornal esteve inativo (1993), são em média dezessete traduções por ano, inseridas em edições temáticas que, abrangentes, não raro misturaram culturas, épocas e escolas literárias diferentes em um mesmo número. Evidentemente, comparar a quantidade de traduções publicadas em livro com a quantidade publicada em jornal não é algo viável. Nos dados levantados do jornal, cada tradução refere-se a um poema, enquanto em um livro há um grande número de poemas (daí comentarmos o *Suplemento* à parte). No entanto, exatamente por publicar poemas esparsos e a escolha do

que é publicado não se pautar unicamente pelo autor, o jornal tem a capacidade de trazer uma diversidade maior de conteúdo em um espaço menor que o do livro, já que percorre um caminho temporal maior (teoricamente indefinido) que este. Com isso, o *Suplemento* (que é distribuído gratuitamente, o que por si só é vantajoso) não restringe o público a um círculo de preferências tão pequeno quanto o livro. Com um compromisso menos rígido com o mercado, o jornal pode, simplesmente, fazer circular. Para o tradutor, pode ser o nicho perfeito para expor criações (na medida em que tradução é também produção), experimentar linguagens. Para o leitor, essas linguagens são tão mais visíveis no jornal que no livro (o *Suplemento* quase sempre apresenta a versão original do poema ao lado da traduzida e já publicou reflexões do próprio tradutor a respeito de suas escolhas para se chegar a uma versão final de poema), que o periódico torna-se o suporte donde é mais possível estar em contato com o tradutor. Por extensão, o leitor se põe mais perto da linha que separa e une original e tradução. Tem, portanto, muito mais espaço para leitura e tende a tornar-se, ele mesmo, co-tradutor do original no ato de leitura.

No entanto, o jornal é efêmero. Ainda que mais duradouro (sua periodicidade é mensal), o *Suplemento* não escapa da morte anunciada. Terminado o mês, os exemplares que restaram nos estabelecimentos e instituições donde são distribuídos são retirados, a bem de que o novo número tome lugar. Os leitores com tendências às coleções guardarão aquela velha edição, os mais urgentes jogarão o exemplar fora, e algumas folhas ainda restarão, guardadas em local seco mas não raro pouco arejado, prontas a ajudar no embrulho dos pratos da próxima mudança. Paul Valéry, Joan Brossa, William Blake e Anacreonte provavelmente não sofrerão por isso. Resta saber se o tradutor, o que não chegou a alcançar o renome de José Paulo Paes ou Haroldo de Campos, não se esvaiu junto aos tipos.¹⁸

¹⁸ A digitalização do *Suplemento* é uma grande iniciativa para que o conteúdo do jornal não desapareça do público. Atualmente, todo o acervo encontra-se disponível na internet. A parte que corresponde de 1966 a 2004 pode ser consultada, a partir de um banco de dados com disponibilidade de pesquisa por termos-chave criado pela Faculdade de Letras da UFMG, em <<http://www.letras.ufmg.br/websuplit>>. As demais edições, de 2005 a agora, são publicadas em formato PDF em <<http://www.cultura.mg.gov.br/impressao/publicacoes/suplemento-literario>>.

Tradutor, poeta

Traduzir poesia não se resume a corresponder, de uma língua para outra, os termos de um poema. A tradução de poesia deve ser fiel não apenas à referencialidade, mas à construção imagética e sonora da palavra, e tudo aquilo que construa o *efeito* do poema original. Traduzir poesia não é, pois, mera operação linguística, mas uma tarefa que exige sutileza e atenção a vários elementos por parte do tradutor, de forma que, lendo um poema traduzido, o leitor tenha a exata percepção que teria lendo o original. É uma reconstrução, em palavras, da poética que ultrapassa a linguagem, que foi vertida a ela e agora será transformada em outras palavras. Tanta complexidade explica por que a tradução de poesia é, majoritariamente, feita por poetas. Tal afirmação é corroborada pelo próprio *Suplemento*: os poemas traduzidos publicados entre 1966 e 2011 são fruto do trabalho de 157 tradutores – excetuando-se deste total os responsáveis pela tradução de quatorze poemas que não apresentam créditos. Destes, 91 possuem reconhecida produção poética. Apresentamos, aqui, oito dos mais assíduos colaboradores do *Suplemento*.

Tonico Mercador

Colaborador do *Suplemento* de 1984 a 86, quando assumiu o cargo de presidente da Associação Profissional dos Escritores de Minas Gerais. Nascido Antonio Augusto d'Aguiar, em São Luís do Maranhão, em 1948, passou a infância e a juventude no interior de Minas. Possui cinco livros publicados: *Itinerário da Era do Rock* (1988), *Iluminuras* (1989), *PER VER SOS* (1998), *Hotel ambos mundos* (2004) e *Olhos quase cegos* (2009). Tradutor de Joyce, Cortázar, Michaux, Borges, Poe, Ginsberg, Kerouac e Appolinaire, dentre outros.

Maria do Carmo Ferreira

Carminha, nascida em Cataguases em 1938, foi fiel colaboradora do *Suplemento* quase desde sua fundação. Apesar de escrever desde menina, seus poemas foram publicados apenas em revistas de literatura e suplementos literários. Traduziu sistematicamente Emily Dickinson, Neruda, Lorca, Prévert e Eluard, além de poemas esparsos de Mallarmé, Verlaine, Corbière e Yeats.

Olga Savary

Nasceu em Belém do Pará, de onde mudou-se aos três anos de idade, em 1933. Possui extensa bibliografia, tanto como tradutora quanto como escritora. Grande parte de suas traduções são do Espanhol, mas já traduziu também textos do Inglês e do Francês e, indiretamente (pelo Espanhol), do Holandês, Japonês e Hindi. Traduziu oito obras de Neruda e cinco de Octávio Paz, além de autores diversos (sobretudo hispano-americanos). Recebeu os prêmios UBE, Odorico Mendes e Jabuti de Tradução. Teve doze livros de poesia, três de contos, uma seleção, uma coletânea e um livro de jornalismo literário publicados, além de ter organizado três antologias de poesia e participado de inúmeros livros coletivos de poesia e de contos. Possui um livro de poesias traduzido para o Holandês e poemas esparsos traduzidos para o espanhol, italiano, holandês, alemão, francês e japonês.

Floriano Martins

Nascido Floriano Benevides Jr., natural de Fortaleza. É autodidata – inclusive no aprendizado de línguas estrangeiras – e desenvolve várias atividades relacionadas à literatura e às artes plásticas: é escritor, editor, crítico de arte, cronista, ensaísta e tradutor. O início de sua trajetória como tradutor deu-se no *Suplemento*, na década de 80, ao traduzir artigos sobre literatura. Em 1998 foi publicada sua primeira tradução em livro: *Poemas de amor*, de Garcia Lorca. Sua bibliografia inclui, ainda, oito livros de poesia de autoria própria, além de participação em várias seleções e antologias. Também escreveu dois ensaios, duas biografias e organizou duas antologias poéticas. Seu primeiro livro, *Cinzas do sol* (1991), foi traduzido para o Espanhol e publicado na Costa Rica. Além de Garcia Lorca, já traduziu também Guillermo Cabrera Infante e José Luis Vega.

Noel Delamare

Noel Delamare é o pseudônimo de Roberto Lyra Filho, adotado para separar suas atividades de ensaísta, poeta e tradutor de poesia de seus trabalhos em filosofia e sociologia jurídicas. Sua poesia foi publicada majoritariamente em suplementos e revistas; em livro, publicou um volume de

traduções, dois de crítica e dois de poemas: *Para(h)élio*, de 1980, e *Da cama ao comício: poemas bissextos*, de 1984, além de extensa bibliografia no campo do Direito. Foi membro da Associação Brasileira dos Tradutores.

Cláudio Nunes de Moraes

Poeta e músico, começou seu trabalho poético nos anos 80, quando publicou independentemente *Eu, pron. pess.* – uma plaquete de poemas incorporada ao livro *Xadrez via correspondência*, de 1997. Como tradutor, publica em jornais e revistas suas versões para poetas como Mallarmé, Laforgue, Éluard e, principalmente, Valéry. Em parceria com Rogério Muio traduziu, para edição especial do *Suplemento*, em 1986, o *Dicionário abreviado do surrealismo*, organizado por André Breton e Paul Éluard. Em 2006, também pelo *Suplemento*, publicou seis poemas de Valéry, quatro deles inéditos em português. Na ocasião, a equipe do *Suplemento* o classificou como “um dos principais tradutores da poesia de Valéry entre nós”. Em 2012 lançou novo livro de poemas, *Arte menor*.

Vladimir Diniz

Morto em um acidente automobilístico em Brasília, aos 39 anos, Vladimir Diniz fez parte do Grupo Beco, que realizava espetáculos de música e de poesia. Teve poemas publicados no jornal dobrável *Vereda* e integrou a chamada “Geração *Suplemento*”. Seu primeiro livro, *Poesia aos sábados*, foi publicado pelas Edições Oficina, selo da Imprensa Oficial de Minas Gerais. O segundo, *Até o 8º round*, foi um dos vencedores do Prêmio Remington de Poesia de 1977, e saiu no ano seguinte. Vladimir deixou, ainda, diversos poemas inéditos. Entre os poetas que traduziu para o *Suplemento* estão Alícia Galaz, Ariel Santibañez, José Ruiz Rosas e Romulo Ramirez.

Augusto de Campos

Augusto de Campos foi poeta, tradutor, crítico (literário e musical) e ensaísta. Seus primeiros poemas foram publicados em 1949, na *Revista Brasileira de Poesia*, editada pelo Clube de Poesia, entidade ligada ao grupo literário da Geração de 45. Seu livro de estreia, *O rei menos o reino*, saiu em 1951. Em 1952 afasta-se do Clube de Poesia, devido a divergências estéticas, e participa da criação do grupo *Noigandres* e da revista de mesmo nome,

o lado de Haroldo de Campos e Décio Pignatari – com quem organizaria, também, o movimento da poesia concreta, de que é seu maior expoente. Em 1958 é publicado na revista *Noigandres* o *Plano-piloto da poesia concreta*, que apresenta os princípios teóricos do movimento. Em 1959 e 1960 participa de exposições de poesia concreta na Alemanha e no Japão. Em 1963 participa da *Semana Nacional de Poesia de Vanguarda*, em BH, organizada pelo grupo *Tendência*. Ainda na década de 60 edita a revista literária *Invenção*, com colaborações de nomes como Cassiano Ricardo, Sebastião Uchoa Leite e Paulo Leminski. Em parceria com Julio Plaza, publica em 1974 *Caixa preta* e *Poemóbiles*, marcos da poesia brasileira. Como tradutor, Augusto de Campos divulga no Brasil autores como Ezra Pound, Mallarmé, Joyce, E.E. Cummings e Maiakóvski. No campo da música, publicou o livro *O balanço da bossa* e teve parcerias com Caetano Veloso, Arnaldo Antunes e Arrigo Barnabé. Gravou em 1994 o CD *Poesia é risco*, com Cid Campos.

Referências

MATARELLI, Juliane; QUEIROZ, Sônia (Org.). *Editoras Mineiras: panorama histórico*. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, v. 1 e 2. 2009.

LETRAS UFMG. Disponível em: <<http://goo.gl/7Lh5Jv>> Acesso em: 25 jun. 2011.

SUPLEMENTO LITERÁRIO. Disponível em: <<http://goo.gl/4aKEFq>> Acesso em: 25 jun. 2011.

ITAÚ CULTURAL. Disponível em: <<http://goo.gl/bpZ4Ua>> Acesso em: 25 jun. 2011.

DICIONÁRIO DE TRADUTORES. Disponível em: <<http://goo.gl/ByjqVL>> Acesso em: 25 jun. 2011.

ANTONIO MIRANDA. Disponível em: <<http://goo.gl/7XUK1R>> Acesso em: 25 jun. 2011.

REBRA. Disponível em: <<http://goo.gl/WoLWGL>> Acesso em: 25 jun. 2011.

A tradução de narrativas orais em Minas Gerais

Karina Mitalle

Inicialmente, gostaria de apresentar os critérios de seleção das obras que aqui se encontram. Considerei narrativas orais aquelas que foram recolhidas na tradição oral e fixadas em meio impresso através de pesquisas por parte dos responsáveis e que, posteriormente, foram traduzidas para o português e editadas no estado de Minas Gerais. Nas pesquisas realizadas nas bases de dados da Universidade Federal de Minas Gerais, na Biblioteca Pública Municipal Luiz de Bessa e na Biblioteca da PUC-MG foi possível chegar a uma primeira seleção de cinco nomes principais: os irmãos Grimm, Charles Perrault, La Fontaine, Hans Christian Andersen e G.A. Burguer.

Devido à grande popularidade junto ao público infantil, me vi na obrigação de pesquisar também as adaptações que as mesmas ganharam no decorrer do tempo e, embora muitas informações estejam incompletas, podemos ter uma noção da importância de tais obras para a história da edição no estado. O mais interessante sobre elas é a quantidade de coleções que uma mesma casa editorial lança, utilizando os mesmos contos, mas mudando os adaptadores e os artistas gráficos.

Outra questão que deve ser exposta é a dificuldade encontrada para a distinção entre tradutores, adaptadores e autores, conceitos não muito respeitados pelas casas editoriais nas obras aqui abordadas. Nas adaptações infantis, que geralmente apresentam um volume para cada conto, acabei por colocar no campo autor “não informado”, quando o mesmo não aparecia no registro, e por me orientar pelo título da obra

e sua sinopse nos bancos de dados pesquisados, evitando dar o crédito àqueles que considero como responsáveis por fixar primeiramente o conto. Optei também por uniformizar as profissões de tradutor e adaptador, embora conheça as diferenças de cada profissional.

Outro aspecto que deve ser observado é a deficiência das bases de dados ao registrar as obras. Na maioria dos casos, é possível localizar as obras através do nome do autor, da própria obra, da casa editorial e, muito raramente, do tradutor. Ao colocar palavras-chaves como: narrativas orais, contos populares, contos folclóricos, recuperamos estudos relacionados ao tema ou obras que têm em seu título e ou descrição uma daquelas palavras-chaves.

Mas uma coisa que não se deve negar é que o empreendimento não deixa de ser no mínimo rentável, visto que as editoras que apareceram no levantamento, em sua maioria, mantiveram tiragens contínuas de livros no decorrer de décadas, inclusive na década de 1990, quando várias obras chegaram à quinta edição, além das já mencionadas adaptações que, embora possuam inúmeras diferenças em seu projeto gráfico, mantêm em sua essência a mesma narrativa. Nesse aspecto, vale ressaltar a Editora Itatiaia e seu selo Villa Rica.

Editora Itatiaia e Villa Rica

No levantamento feito, um dos nomes mais recorrentes foi o da Editora Itatiaia, responsável pela publicação do primeiro registro encontrado, uma edição das *Aventuras do Barão de Münchhausen*, de G.A. Burger, em adaptação de Jannart Moutinho Ribeiro, lançada em 1963. Seu selo Villa Rica Editoras Reunidas é responsável pela publicação de grande parte das adaptações publicadas em Minas, onde a Editora Itatiaia é responsável por 88,42% das obras encontradas, ou seja, dos 95 registros, apenas 11 não são publicações da Itatiaia.

Após a primeira publicação do gênero, a Itatiaia demorou mais de 20 anos para lançar outra e esta saiu em uma coleção denominada Grandes Obras da Cultura Universal, que contava com obras de Charles Darwin, Luís de Camões, Dante Alighieri, entre outros clássicos. As obras dessa coleção ganhavam acabamento primoroso, em sua maioria vinham com sobrecapa, além de traduções fidedignas e ilustrações de artistas da

época do primeiro lançamento. Um exemplo é a publicação dos *Contos de Charles Perrault*, de 1985, traduzidos do francês por Regina Régis Junqueira e com ilustrações de Gustave Doré (artista da época da primeira edição francesa, que ilustrou inúmeros livros), a partir de uma edição parisiense de 1883 e que teve quatro edições em onze anos. Nessa mesma coleção temos ainda dois volumes das *Fábulas* de Jean de La Fontaine, que teve sua primeira publicação em 1989 e a segunda em 1992 e, segundo nota, conta com 360 gravuras de Gustave Doré, além de tradução e notas de Eugênio Amado. A partir dessa publicação por algum motivo não informado, há uma mudança no selo editorial e, ao invés do nome da Editora Itatiaia, vemos a substituição pelo nome da Villa Rica Editoras Reunidas. Com essa mudança, temos o lançamento das *Aventuras do Barão de Münchhausen*, de G.A. Burger, em 1990, em tradução de Moacir Werneck de Castro e ilustrações de Doré. E, em 1994, os *Contos de Grimm* – obra completa, de Jacob e Wilhelm Grimm, em tradução de David Jardim Júnior, com ilustrações de artistas da época, que chegou até sua terceira edição, publicada em 2008. As duas obras contaram com o mesmo projeto gráfico das edições anteriores.

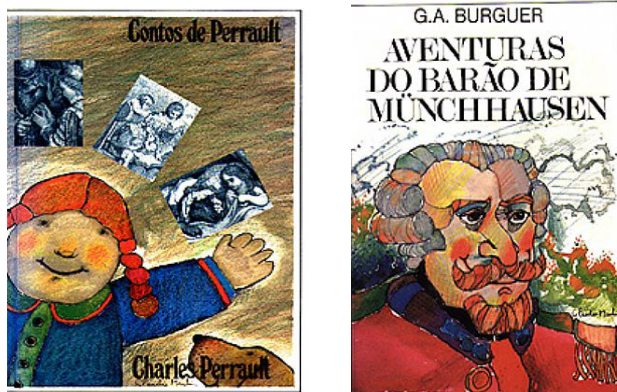


Figura 1 - Os Contos de Perrault e as *Aventuras do Barão de Münchhausen*, publicados pela Editora Itatiaia na coleção Grandes Obras da Cultura Universal.

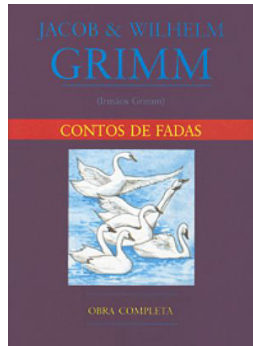


Figura 2 – Os *Contos de fadas dos irmãos Grimm* e as *Fábulas de La Fontaine*, publicados pela Editora Itatiaia na coleção *Grandes Obras da Cultura Universal*.

Em 1996 eram publicadas, com tradução do inglês de Eugênio Amado, ilustrações de artistas da época e projeto gráfico um pouco diferente, as *Histórias e contos de fadas* – obras completas de Hans Christian Andersen, em dois volumes.

Em 1997, a Villa Rica lança uma coleção no mínimo curiosa, que chegou ao meu conhecimento graças à colega de classe Janes Mendes. Segundo a própria editora, que explica na contra-capa da *Coleção Biblioteca de Ouro de Contos Clássicos*, esta seria dividida em 60 fascículos entregues semanalmente ao público, sendo que a última capa de cada seria destacável, formando um outro livro com 48 belíssimas estampas sobre a natureza brasileira, cada grupo de doze fascículos formaria um livro, e ao fim seria fornecido um texto sobre as figuras em um fascículo extra, formando assim duas coleções, uma de contos clássicos e outra sobre a natureza brasileira. Os principais responsáveis pela tradução seriam Regina Régis Junqueira (responsável pelos *Contos de Perrault*) e David Jardim Júnior (que já havia traduzido os *Contos de Grimm*).

A Villa Rica também foi responsável por três outras coleções voltadas principalmente para o público infantil, essas coleções assumiam características distintas de acordo com o tradutor/adaptador responsável por ela. A primeira coleção tinha como tradutora/adaptadora Constanza (não foi possível identificar o sobrenome), com 24 títulos, que compreendiam desde narrativas orais até livros literários infantis como *O mágico de Oz* e *Alice*

no país das maravilhas, voltados para crianças de até 10 anos, com uma linguagem simples e figuras ocupando a maior parte do livro. A segunda coleção, teve como adaptadora Magda (também não foi possível localizar o sobrenome), voltada para o mesmo público que a anterior. E a coleção traduzida e adaptada por G. Félix, que tinha como diferencial as figuras em branco para as crianças colorirem. Nenhuma dessas coleções apresentam o nome do “autor original” das obras, nem a data de publicação.

A Itatiaia também foi responsável pela edição de alguns contos avulsos de Hans Christian Andersen, dos irmãos Grimm e de Jean de La Fontaine, em que não constam nem nome do tradutor nem a data de publicação. E, em 2006, pela publicação dos *Novos Contos*, dos irmãos Grimm com tradução de Eugênio Amado.

Ainda em 2006 a Villa Rica publica *Rapunzel*, dos Grimm, em uma edição avulsa e em 2007, duas edições especiais, uma de Hans Christian Andersen, *Andersen – Dez histórias de fadas*, outra, dos irmãos Grimm, *Grimm – dez histórias de fadas*.

Editora Leitura e Editora Lê

Fundada em 1994 a Editora Leitura foi responsável por duas coleções de livros infantis entre os anos de 1995 e 1996. A primeira coleção foi a Série Clássicos, de 1995, destinada às crianças de cinco a oito anos e não apresenta nome do autor, nem nome do tradutor/adaptador. A segunda, de 1996, se chamava Série Contos, tinha tradução de Raquel Teles e público alvo semelhante ao da coleção anterior.

Atualmente, embora não tenha mais nenhuma coleção parecida, a Editora mantém as publicações de contos de fadas. Em 2005 foi lançado o livro *A magia dos contos de fadas*, com tradução de Raquel Teles, livro que reúne os contos “Branca de Neve”, “Chapeuzinho Vermelho”, “Cinderela” e “Os Três Porquinhos”.

Da Editora Lê foram encontradas três publicações, a primeira datada de 1996, dos irmãos Grimm, com tradução de Ângela Leite de Souza, que é *Cinderela e outros contos de Grimm*. E outras duas sem datas definidas: *A bela adormecida e outros contos de Perrault* e *O patinho feio e outros contos de Andersen*, com traduções de Roseana Murray e Lino de Albegaria, respectivamente.

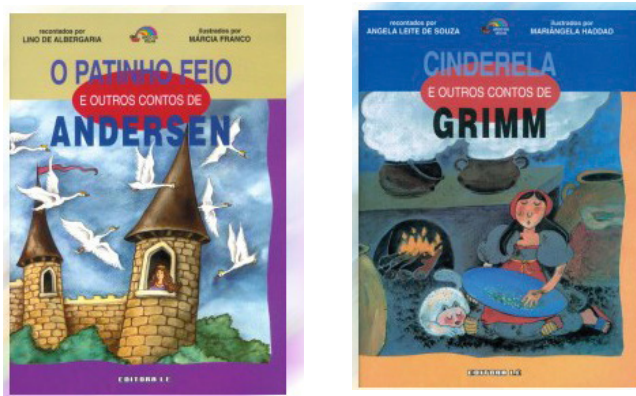


Figura 2 – Edições de narrativas orais da Editora Lê

Conclusão

Após análise das obras encontradas, o que mais se percebeu foi a falta de cuidado de muitas editoras de livros infantis quanto aos créditos para os tradutores, adaptadores e autores, além de outros dados de catalogação, como cidade e data. Em muitos casos aparecem apenas o nome do responsável pela edição e o nome da editora. Enquanto as obras destinadas ao público adulto apresentam uma série de paratextos que auxiliam na fixação e na manutenção de sua tradição, as obras destinadas às crianças se importam mais com um projeto gráfico atraente e com a suposta “moral” contida na obra.

Referências

BIBLIOTECA PÚBLICA LUIZ DE BESSA. Acervo. Disponível em: <http://200.198.51.243/pegamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1>. Acesso em: 11 de julho de 2014.

PONTIFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA - MINAS. Pesquisa ao acervo. Disponível em: <<http://bib.pucminas.br/pegamum/biblioteca/index.php>>. Acesso em: 11 de julho de 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Sistema de Bibliotecas UFMG. Disponível em: <<https://catalogobiblioteca.ufmg.br/pegamum/biblioteca/index.php>>. Acesso em: 11 de julho de 2014.

ZUMTHOR, P. *Introdução à poesia oral*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

Quadro 1: Traduções de narrativas publicadas em Minas Gerais

Autor	Título	Ed.	Tradutor	Língua de origem	Local	Editora	Ano	Coleção
ANDERSEN, H.C.	<i>O rouxinol</i>	N.I.	Não informado	N.I.	Belo Horizonte	Itatiaia	19--	
ANDERSEN, H.C.	<i>O patinho feio</i>	N.I.	Não informado	N.I.	Belo Horizonte	Itatiaia	19--	
ANDERSEN, H.C.	<i>O besouro</i>	N.I.	Não informado	N.I.	Belo Horizonte	Itatiaia	19--	
BURGER, G.A.	<i>Aventuras do Barão de Münchhausen</i>	N.I.	Jannart Moutinho Ribeiro	N.I.	Belo Horizonte	Itatiaia	1963	
PERRAULT, C.	<i>Contos de Perrault</i>	1. ed.	Regina Regis Junqueira	Francês	Belo Horizonte	Itatiaia	1985	Grandes obras da cultura universal
LA FONTAINE, J.	<i>Fábulas de La Fontaine: primeiro volume</i>	N.I.	Eugênio Amado	N.I.	Belo Horizonte	Itatiaia	1989	Grandes obras da cultura universal

Autor	Título	Ed.	Tradutor	Língua de origem	Local	Editora	Ano	Coleção
LA FONTAINE, J.	<i>Fábulas de La Fontaine</i> : Segundo volume	1. ed.	Eugênio Amado	N.I.	Belo Horizonte	Itatiaia	1989	Grandes obras da cultura universal
PERRAULT, C.	<i>Contos de Perrault</i>	2. ed.	Regina Regis Junqueira	Francês	Belo Horizonte	Itatiaia	1989	Grandes obras da cultura universal
BURGER, G.A.	<i>Aventuras do Barão de Münchhausen</i>	N.I.	Moacir Werneck de Castro	N.I.	Belo Horizonte	Vila Rica	1990	Grandes obras da cultura universal
LA FONTAINE, J.	<i>Fábulas de La Fontaine</i> : Segundo volume	2. ed.	Eugênio Amado	N.I.	Belo Horizonte	Itatiaia	1992	Grandes obras da cultura universal
GRIMM, J.; GRIMM, W.	<i>Contos de Grimm</i>	1. ed.	David Jardim Jr.		Belo Horizonte	Vila Rica	1994	Grandes obras da cultura universal

Autor	Título	Ed.	Tradutor	Língua de origem	Local	Editora	Ano	Coleção
PERRAULT, C.	<i>Contos de Perrault</i>	4. ed.	Regina Regis Junqueira	Francês	Belo Horizonte	Itatiaia	1994	Grandes obras da cultura universal
Não informado	<i>O Gato de botas</i>	N.I.	Não informado	N.I.	Belo Horizonte	Leitura	1995	Série Clássicos
ANDERSEN, H.C.	<i>Histórias e contos de fadas – Obra completa (v. 1)</i>	1. ed.	Eugênio Amado	Inglês	Belo Horizonte	Villa Rica	1996	Grandes obras da cultura universal
ANDERSEN, H.C.	<i>História e contos de fadas – Obra completa (v. 2)</i>	1. ed.	Eugênio Amado	Inglês	Belo Horizonte	Villa Rica	1996	Grandes obras da cultura universal
GRIMM, W.; GRIMM, J.	<i>Cinderela e outros contos de Grimm</i>	N.I.	Angela Leite de Souza	N.I.	Belo Horizonte	Lê	1996	
Não informado	<i>A bela adormecida</i>	N.I.	Raquel Teles	N.I.	Belo Horizonte	Leitura	1996	Série Contos
Não informado	<i>O gato de botas</i>	N.I.	Raquel Teles	N.I.	Belo Horizonte	Leitura	1996	Série Contos

Autor	Título	Ed.	Tradutor	Língua de origem	Local	Editora	Ano	Coleção
Não informado	<i>Cachinhos de Ouro</i>	N.I.	Raquel Teles	N.I.	Belo Horizonte	Leitura	1996	Série Contos
Não informado	<i>Chapeuzinho vermelho</i>	N.I.	Raquel Teles	N.I.	Belo Horizonte	Leitura	1996	Série Contos
Não informado	<i>Branca de Neve e os sete anões</i>	N.I.	Raquel Teles	N.I.	Belo Horizonte	Leitura	1996	Série Contos
Não informado	<i>João e Maria</i>	N.I.	Raquel Teles	N.I.	Belo Horizonte	Leitura	1996	Série Contos
Não informado	<i>A galinha dos ovos de ouro</i>	1. ed.	David Jardim Jr.; Reginas Regis Junqueira	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	1997	
Não informado	<i>Hansel e Gretel</i>	1. ed.	David Jardim Jr.; Reginas Regis Junqueira	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	1997	Biblioteca de ouro de contos clássicos

Autor	Título	Ed.	Tradutor	Língua de origem	Local	Editora	Ano	Coleção
Não informado	<i>O gato de botas</i>	1. ed.	David Jardim Jr.; Reginas Regis Junqueira	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	1997	Biblioteca de ouro de contos clássicos
Não informado	<i>Joãozinho e os feijões mágicos</i>	1. ed.	David Jardim Jr.; Reginas Regis Junqueira	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	1997	Biblioteca de ouro de contos clássicos
Não informado	<i>Os seis criados</i>	1. ed.	David Jardim Jr.; Reginas Regis Junqueira	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	1997	Biblioteca de ouro de contos clássicos
PERRAULT, C.	<i>Contos de Perrault</i>	5. ed.	Não informado	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	1999	
ANDERSEN, H. C.	<i>Contos de fadas</i>	1. ed.	Não informado	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	2006	
GRIMM, J.; GRIMM, W.	<i>Novos contos</i>	N.I.	Eugênio Amado	N.I.	Belo Horizonte	Itatiaia	2006	
GRIMM, J.; GRIMM, W.	<i>Rapunzel</i>	1. ed.	Não informado	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	2006	

Autor	Título	Ed.	Tradutor	Língua de origem	Local	Editora	Ano	Coleção
Não informado	<i>Traje invisível do rei</i>	1. ed.	David Jardim Jr.; Reginas Regis Junqueira	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	2006	
ANDERSEN, H.C.	<i>Andersen: dez histórias de fadas</i>	1. ed.	Não informado	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	2007	
GRIMM, J.; GRIMM, W.	<i>Grimm: dez histórias de fadas</i>	1. ed.	Não informado	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	2007	
GRIMM, J.; GRIMM, W.	<i>Contos de Grimm: Obras completas</i>	3. ed.	Não informado	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	2008	
LA FONTAINE	<i>A raposa e a cegonha</i>	1. ed.	Não informado	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>João e Maria</i>	1. ed.	Magda	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>Hansel e Gretel</i>	1. ed.	Constanza	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>Os alegres músicos de Bremen</i>	1. ed.	G. Felix	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>O soldadinho de chumbo</i>	1. ed.	Constanza	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	

Autor	Título	Ed.	Tradutor	Língua de origem	Local	Editora	Ano	Coleção
Não informado	<i>O soldadinho de chumbo</i>	1. ed.	Magda	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>O soldadinho de chumbo</i>	1. ed.	G. Felix	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>João dos feijões</i>	1. ed.	Magda	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>João sem medo</i>	1. ed.	G. Felix	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>João sem medo</i>	1. ed.	Constanza	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>Os três irmãos</i>	1. ed.	Magda	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>Os três ursos</i>	1. ed.	G. Felix	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>Os três porquinhos</i>	1. ed.	Constanza	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>Os três porquinhos</i>	1. ed.	Magda	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>A flauta encantada</i>	1. ed.	Magda	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	

Autor	Título	Ed.	Tradutor	Língua de origem	Local	Editora	Ano	Coleção
Não informado	<i>O flautista de Hamelin</i>	1. ed.	Constanza	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>O gato de botas</i>	1. ed.	Constanza	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>A gata borralheira</i>	1. ed.	Constanza	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>Chapeuzinho vermelho</i>	1. ed.	Constanza	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>Chapeuzinho vermelho</i>	1. ed.	Magda	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>Cinderela</i>	1. ed.	Magda	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>A bela adormecida</i>	1. ed.	Constanza	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>A bela adormecida</i>	1. ed.	Magda	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>Branca de Neve e os sete anões</i>	1. ed.	Constanza	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	

Autor	Título	Ed.	Tradutor	Língua de origem	Local	Editora	Ano	Coleção
Não informado	<i>Branca de Neve</i>	1. ed.	Magda	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>Branca de Neve e os sete anões</i>	1. ed.	G. Félix	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>Joãozinho e os pé de feijão</i>	1. ed.	Constanza	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>O patinho feio</i>	1. ed.	Constanza	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>O patinho feio</i>	1. ed.	Magda	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>Pele de asno</i>	1. ed.	Constanza	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>A pequena sereia</i>	1. ed.	Constanza	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>O pequeno polegar</i>	1. ed.	Magda	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>O pequeno polegar</i>	1. ed.	Constanza	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>Polegarzinho</i>	1. ed.	G. Félix	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	

Autor	Título	Ed.	Tradutor	Língua de origem	Local	Editora	Ano	Coleção
Não informado	<i>A princesa e a ervilha</i>	1. ed.	Constanza	N.I.	Belo Horizonte	Villa Rica	N.I.	
Não informado	<i>A magia dos contos de fadas</i>	N.I.	Raquel Teles	N.I.	Belo Horizonte	Leitura	2005	
Não informado	<i>A bela adormecida e outros contos de Perrault</i>	N.I.	Roseana Murray	N.I.	Belo Horizonte	Lê	N.I.	
Não informado	<i>O patinho feio e outros contos de Andersen</i>	N.I.	Lino de Albergaria	N.I.	Belo Horizonte	Lê	N.I.	

Outros volumes da Coleção Editoras Mineiras

Editoras mineiras: panorama histórico v. 1

Juliane Matarelli

Sônia Queiroz (Org.)

Editoras mineiras: panorama histórico v. 2

Sônia Queiroz (Org.)

Editoras mineiras: o lugar da poesia

Patrícia Fonseca

Sônia Queiroz(Org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em
versão eletrônica no *site*: www.lettras.ufmg.br/vivavoz

Composto em caracteres Verdana e impresso a *laser* em papel reciclado 75 g/m² (miolo). Acabamento em kraft 420 g/m² (capa) e costura artesanal com cordão encerado.



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos orientados e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras – bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área de edição.